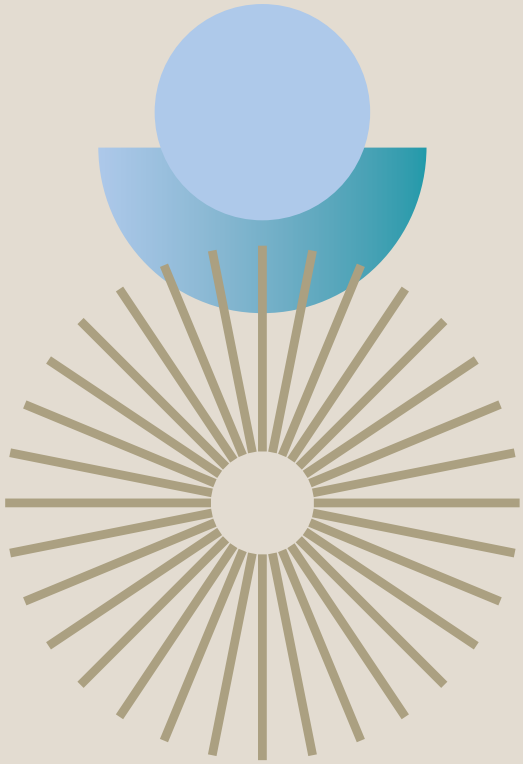
ISER

PESQUISA

Mulheres evangélicas, política e cotidiano



RELATÓRIO 2023

ISER

Mulheres evangélicas, política e cotidiano | 2023

Diretora Executiva
Ana Carolina Evangelista

Diretor Executivo Adjunto
Clemir Fernandes

Diretora de Operações
Luna Rozenbaum

Diretor de Programas
Ronilso Pacheco da Silva

Diretora de Desenvolvimento Institucional
Moema Salgado

Coordenação Acadêmica
Regina Novaes

Coordenação
Lívia Reis
Jacqueline Moraes Teixeira

Pesquisa
Brenda Souza
Jacqueline Moraes Teixeira
Jordhanna Cavalcante
Juliana Farias
Lívia Reis
Laryssa Owsiany
Letizia Patriarca
Lorena Mochel
Magali Cunha

Redação
Jacqueline Moraes Teixeira

Revisão
Magali Cunha
Paulo Roberto Salles Garcia
Regina Reyes Novaes

Direção metodológica, revisão e tratamento dos dados
Matheus Pestana

Projeto gráfico
Amanda Lopes

Assistência editorial
Lucas Bártolo

ISER - Instituto de Estudos da Religião
Av. Pres. Vargas, 502. Pav. 16
20071-000 | Rio de Janeiro, RJ
iser@iser.org.br
www.iser.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M956 Mulheres evangélicas, política e cotidiano – 2023 / Coordenadoras Lívia Reis, Jacqueline Moraes Teixeira. – Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Estudos da Religião, 2025.

ISBN 978-65-5278-181-9

1. Mulheres cristãs. 2. Mulheres na política – Brasil. 3. Religião. 4. Vida cristã. I. Reis, Lívia. II. Teixeira, Jacqueline Moraes.

CDD
248.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Sumário

Apresentação 5

Introdução 9

Metodologia e perfil das entrevistadas 12

Sobre o roteiro 14

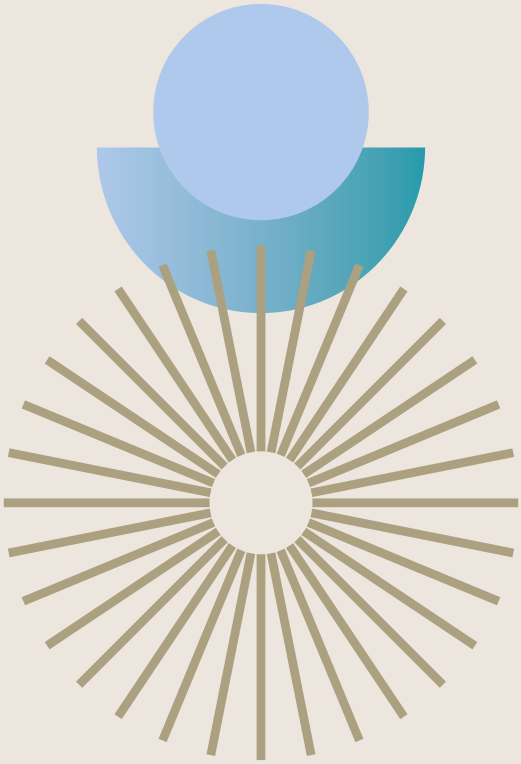
Perfil das mulheres evangélicas 19

O que os cruzamentos articulam? 32

Considerações Finais 60

Destaques 61

Referências bibliográficas 62



Apresentação

A pesquisa Mulheres Evangélicas, política e cotidiano - realizada pelo ISER em 2022 despertou grande interesse, demandou continuidade e ganhou uma nova etapa em 2023 cujos principais resultados divulgamos por meio da presente publicação.

Para a realização da pesquisa de 2023, o ISER contou com o empenho das coordenadoras Lívia Reis e Jacqueline Moraes Teixeira e com trabalho qualificado das pesquisadoras Brenda Souza, Jordhanna Cavalcante, Juliana Farias, Laryssa Owsiany, Letízia Patriarca, Lorena Mochel e Magali Cunha que produziram ricos e detalhados relatórios parciais, a partir dos quais Jacqueline Moraes Teixeira pode produzir a presente síntese analítica.

Como na primeira etapa, realizada em 2022, dessa vez também a ideia não foi oferecer a representatividade estatística esperada das amostras que conduzem as pesquisas quantitativas. Ou seja, não se trata de um diagnóstico geral sobre as mulheres evangélicas do Brasil. Trata-se de evidenciar situações particulares que compõem o que hoje faz parte do "possível" na dinâmica do campo religioso brasileiro (histórica e socialmente determinado). Em resumo, busca-se conhecer experiencias, sentimentos e valores de mulheres evangélicas por meio de uma abordagem qualitativa que oferece o melhor caminho para mapear semelhanças e diferenças entre suas vivências nas igrejas, na família, na vida cotidiana e no espaço público. Com esse objetivo, a pesquisa se desenvolveu por meio de encontros remotos entre mulheres evangélicas para que se estabelecesse uma conversa a partir das questões trazidas por uma pesquisadora/mediadora.

O recrutamento foi feito por uma empresa externa e se deu via mídias sociais. Entre vários critérios levados em conta para garantir a diversidade em cada conversa, considerou-se importante que elas não se conhecessem e frequentassem igrejas em endereços distintos. Certamente esse expediente não resulta na profundidade contextualizada oferecida pela abordagem etnográfica localizada. Porém, o fato de ser "remoto" estimular

a desterritorialização e permitir encontros entre mulheres que nunca haviam se encontrado (e dificilmente se encontrarão) pode oferecer alguma vantagem. Ou seja, o que se perde em contextualização pode-se ganhar em menor controle da comunidade local e maior espaço para exercício de críticas às igrejas e pastores.

Considerando-se tais premissas, foram realizados 15 encontros remotos – entre novembro e dezembro de 2023 - reunindo a cada vez três mulheres evangélicas (tríades) de diferentes regiões do país, de classes populares (C e D), a maioria negra, de várias faixas etárias (entre 16 e 65 anos) e de variadas igrejas e denominações (em sua maioria classificadas como pentecostais). Seus relatos permitiram um rico mapeamento do que pode significar "ser mulher evangélica" no Brasil de hoje. As questões propostas nesses encontros colocaram em foco a vida familiar; o pertencimento às igrejas e o engajamento em instituições religiosas; os usos das redes sociais; as percepções sobre aproximações e distanciamentos entre religião e política; comportamento eleitoral e a visão sobre questões presentes no debate público nacional que dizem respeito ao racismo e à intolerância religiosa. A partir desses temas, para favorecer comparações, o roteiro de 2022 foi mantido com as adaptações exigidas pelo passar do tempo.

***Em 2022 vivia-se um período pós pandemia e a tensão pré-eleitoral reforçava o peso da chamada "pauta moral". Em 2023 a pandemia já fazia parte do passado, estava em curso o primeiro ano do governo Lula e novos temas ganharam lugar no espaço público tais como eleições dos Conselhos Tutelares, custo de vida e mudanças climáticas**. Sendo assim, e levando-se em conta que não foram as mesmas mulheres que participaram das duas etapas, as comparações devem ser feitas de maneira cuidadosa e reflexiva considerando diferenças na ambiência social em que cada uma foi realizada. Ou seja, a religião não pode ser vista como uma variável isolada no tempo e no espaço social.*

Em relação aos resultados obtidos em 2022, nessa etapa pode-se confirmar a importância da igreja - enquanto espaço de reconhecimento, confiança e cuidado – na vida dessas mulheres, bem como reafirmar a existência de

representações e práticas ambivalentes que nos obrigam a refletir sobre outros vínculos e pertencimentos que aproximam ou distanciam as mulheres evangélicas entrevistadas. Isto é, para pensar as repercussões políticas do pertencimento religioso das mulheres entrevistadas, certamente é importante desvendar os condicionantes religiosos que pesam na definição o voto, mas é preciso também considerar os expedientes cotidianos utilizados pelas mulheres evangélicas para obter reconhecimento de sua cidadania e acesso às políticas públicas para suas famílias. Em síntese, para pensar a realidade das mulheres evangélicas entrevistadas é preciso pensar sobre a realidade das mulheres das classes populares na desigual sociedade brasileira.

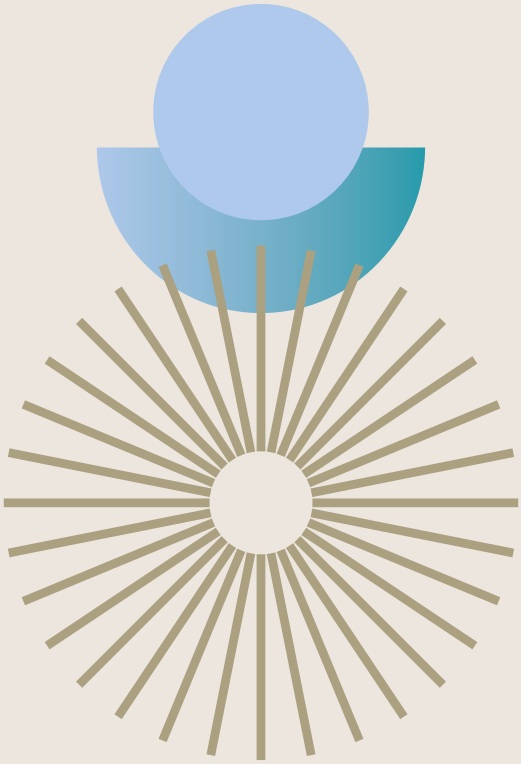
Enfim, a realização dessa segunda etapa da pesquisa nos alerta para a porosidade existente entre as religiões e a sociedade. Tal porosidade exigiu ampliação do roteiro de 2022 e novas dimensões na análise das informações de 2023. Certamente novas adaptações e outras reflexões deverão ser introduzidas na etapa de 2024. Tal continuidade garantirá o exercício da comparação tanto por meio da demarcação de tendências gerais confirmadas de um ano para outro, quanto por meio da demarcação de diferenças trazidas não só pelas conjunturas (políticas e econômicas), mas também pela busca de melhor compreensão da pluralidade existente nas trajetórias de mulheres evangélicas. Aguardemos.

Dizem que uma boa pesquisa é aquela que deixa novas perguntas e provoca adaptações de roteiros, métodos e técnicas. Isso é o que está acontecendo nessa pesquisa do ISER sobre "mulheres evangélicas". Nesse sentido, cabe parabenizar a coordenação e toda equipe de pesquisadoras envolvidas nessa empreitada.

Boa leitura!

Rio de Janeiro, maio de 2025

Regina Novaes
Coordenação acadêmica do ISER



Introdução

Esta pesquisa, realizada em dezembro de 2023, foi construída como continuidade ao levantamento realizado em 2022 que produziu uma primeira cartografia das percepções sobre política e cotidiano entre mulheres evangélicas. A primeira etapa ocorreu meses antes do pleito eleitoral daquele ano e buscou compreender as concepções de direitos individuais, direitos coletivos e cidadania para além do engajamento com as temáticas da política institucionalizada, permitindo registrar uma sensibilidade de orientação ética e afinidade das participantes a determinados temas refletidos como experiências no dia a dia.

Desenvolvida pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) e voltada a pensar a política como algo capilarizado na vida cotidiana, a pesquisa nos colocou em interlocução com mulheres evangélicas pertencentes a denominações variadas e que residem nas cinco regiões do país. Os encontros aconteceram entre novembro e dezembro de 2023 e reuniram 45 pessoas entre 16 e 65 anos, oriundas das classes C e D para entrevistas em profundidade em formato de tríade. Assim como em 2022, o estudo buscou obter dados qualitativos que trouxessem novos pontos de vista acerca dos processos de engajamento, tendo as igrejas como lugares substanciais de produção de variadas formas de sociabilidade e pertencimento.

Com o intuito de darmos prosseguimento à coleta de dados feita na primeira etapa da pesquisa, seguimos, em 2023, a mesma lógica de estruturação do roteiro de perguntas e preservamos alguns eixos de investigação. O primeiro deles foi levar a sério a importância da igreja na vida dessas mulheres, pensando essa instância como um espaço de reconhecimento e de constituição das principais redes de confiança e cuidado. Privilegiar esse olhar tornou possível registrar as ambivalências presentes na relação com as comunidades de fé, que também são passíveis de um exercício crítico acerca das condições individuais e coletivas de participação na arena pública.

O caminho de escuta das narrativas de ambivalência também nos aproximou de compreender vínculos, perspectivas sobre passado e

futuro e, consequentemente, identificar melhor como as chamadas "pautas morais", bem como as questões relacionadas ao racismo e a intolerância religiosa são mobilizadas no processo de decisão do voto. Com isso tentamos perceber os valores-chave para essas mulheres tanto no plano individual quanto no comunitário, incluindo o que entendiam por justiça, liberdade, honestidade, dignidade e igualdade.

Estendendo para o plano político, exploramos alguns temas comuns ao que foi levantado em 2022, como corrupção, condução da pandemia, organização da política institucional, produção de políticas públicas de saúde e educação e investimento econômico. Porém, nessa etapa foi possível dar destaque a um espaço para a escuta das percepções referentes ao primeiro ano de mandato do governo Lula, a relação de identificação com as imagens de Michelle Bolsonaro ou Janja Lula da Silva, as eleições dos Conselhos Tutelares e as políticas voltadas à infância e à adolescência, além de algumas percepções sobre governança e mudanças climáticas.

Em continuidade ao objetivo de se compreender melhor os múltiplos fios de pensamento que guiam suas percepções da realidade e suas decisões políticas do cotidiano e pensando a política a partir de suas capilaridades, 2023 trouxe novos desafios. O principal foi perceber como as interlocutoras de pesquisa interpretaram o primeiro ano do governo Lula. Para isso foram introduzidos nas questões apresentadas temas como justiça e liberdade no combate à corrupção, na ampliação de políticas públicas de saúde, de educação, na economia (a partir da percepção sobre poder de consumo, mercado de trabalho e seguridade). Para tornar possível construir uma análise comparativa, optamos por manter os mesmos recorte e formato adotados em 2022. Foram entrevistadas mulheres evangélicas, de maioria negra e de baixa renda, por meio de 15 tríades que reuniram ao todo 45 mulheres. Elas tinham entre 16 e 65 anos e pertenciam a igrejas históricas e pentecostais de todas as regiões do Brasil.

As participantes responderam perguntas divididas em cinco eixos: 1) narrativa de si e pertencimento religioso/político; 2) perfil eleitoral; 3) narrativa nacional; 4) família; e 5) mídias sociais.

Importa salientar que esta pesquisa tem como um dos principais objetivos pensar a política a partir do cotidiano, isto é, como algo que transcende a institucionalidade. Isso significa compreender como as noções de cidadania, direitos individuais e coletivos se constituem e a centralidade da igreja como comunidade de fé, rede de proteção e espaço de sociabilidade segura. Nesse sentido, procuramos complexificar análises sobre mulheres evangélicas e responder a algumas perguntas básicas: o que leva mulheres evangélicas a se engajarem em suas igrejas e como percebem a produção de pânicos morais? Como as políticas públicas para famílias e mulheres do governo Bolsonaro ainda são avaliadas por elas? Que percepções têm sobre o primeiro ano do governo Lula? O que entendem por política e de que maneira definem seu voto? Qual é a compreensão do contexto nacional? Compreender os elementos que qualifiquem como esse cenário tem sido vivido e apreendido pelas mulheres evangélicas pode apontar aspectos fundamentais não apenas ao processo eleitoral em curso, mas também à qualidade da democracia brasileira.

Algumas questões orientaram todo o roteiro de perguntas e análise posterior dos dados. A primeira foi ter em mente a importância da igreja na vida cotidiana dessas mulheres. Isso significa entender o que a igreja lhes oferece sob uma perspectiva que não seja puramente funcionalista. Assumir isso nos permite entender melhor também suas projeções de futuro e narrativas de sonhos e esperança – e eventualmente também de pessimismo.

Como já referido, a pesquisa também buscou compreender o peso dado às pautas morais, relacionando-as a questões relativas à sobrevivência e ao cuidado com as famílias. As considerações das entrevistadas sobre a dimensão da política também foram pautadas, à luz dos temas aqui descritos.

Metodologia e perfil das entrevistadas

Metodologia

- 45 mulheres entre 16 e 65 anos
- Todas as regiões do Brasil
- 15 tríades
- Recrutamento via mídias sociais
- Evangélicas de denominações pentecostais e históricas
- Evangélicas de primeira, segunda e terceira gerações
- Entrevistas realizadas via aplicativos de reunião online
- Mulheres evangélicas pertencentes às classes C e D
- A maioria se declarou parda, seguidas por brancas, pretas e uma amarela.
- Desse total, 26 eram mães e 19 não tinham filhos

A pesquisa qualitativa foi realizada com 45 mulheres – divididas em 15 pequenos grupos – de todas as regiões do Brasil. A metodologia escolhida consistiu na realização de tríades, isto é, sessões dirigidas por uma pesquisadora mediadora que direciona questões a partir de um roteiro semiestruturado. As participantes foram distribuídas nas tríades com base nas seguintes variáveis: perfil geracional, renda, região, perfil étnico-racial e pertencimento denominacional. Priorizamos reunir mulheres do mesmo grupo etário (16-19 anos, 20-30 anos, 31-44 anos e 45-65 anos), por considerarmos ser um indicador importante de comparação, ao passo que região de moradia, perfil étnico-racial e pertencimento denominacional variaram.

Nas tríades, é possível perceber algumas características dos grupos focais (outra técnica de análise qualitativa), como o fato de reunir numa mesma sessão pessoas com interesses em comum que possam interagir falando sobre proposições introduzidas por um mediador.

No entanto, o caráter mais exclusivista das tríades, com apenas três participantes, permite que o ambiente seja constituído por uma interface entre outros métodos qualitativos, como as entrevistas em profundidade ou as semiestruturadas. Isso porque a dinâmica metodológica de tríade possibilita que os participantes estabeleçam distinções, marquem posicionamentos e criem uma interação em que a mediadora não é a única a interpelá-los; as demais entrevistadas assumem esse papel na medida em que cada uma vai respondendo à interpelação uma da outra. Na análise dos dados, procuramos colocar em perspectiva as variáveis de raça, classe e pertencimento denominacional, pois entendemos que poderiam interferir na forma como as mulheres se posicionaram durante a conversa.

A escolha das participantes se deu mediante a construção de um questionário de recrutamento que cruzava as seguintes variáveis: perfil geracional, renda, região, perfil étnico-racial e pertencimento denominacional. O recrutamento foi feito por uma empresa especializada contratada e se deu via mídias sociais. Consideramos importante que as entrevistadas não se conhecessem e frequentassem igrejas em endereços distintos.

Apesar de não ser uma variável, outro cuidado importante em relação ao recrutamento foi tentar garantir que houvesse significativa diversidade relacionada ao tempo de pertencimento religioso das mulheres, permitindo que em um mesmo grupo houvesse as que se tornaram evangélicas via conversão e quem já pertencia a famílias cujo vínculo evangélico fosse anterior ao seu nascimento.

Outra preocupação foi assegurar maior pluralidade relacionada ao voto e ao formato de engajamento no pleito eleitoral de 2022. Isso implicou incluir eleitoras de Bolsonaro, de Lula, aquelas que escolheram anular o voto ou não quiseram/puderam votar, além das que ainda não tinham idade para votar naquele momento.

Sobre o roteiro

O roteiro seguiu a mesma estrutura da rodada produzida em 2022. Alguns itens sofreram alterações para registrar acontecimentos de 2023 que julgamos ser centrais no aprofundamento do estudo. As cinco partes que o compõem são:

Script de Perguntas

1. **Narrativa de si/ Pertencimento religioso**
   - Pequena autobiografia
   - Engajamento institucional
   - Perspectivas sobre religião e política
2. **Perfil eleitoral e percepções sobre política e eleições**
   - Eleições 2022
   - Engajamento político
   - Eleições para os Conselhos Tutelares (2023)
3. **Narrativa Nacional**
   - Crise econômica/pandemia
   - Cristofobia x Racismo Religioso
   - Gênero/Ideologia de gênero
   - Israel x Palestina
4. **Família**
   - Dinâmica familiar
   - Atividades de cuidado
   - Pautas morais
5. **Mídias/redes sociais**
   - Uso de redes sociais
   - Entretenimento gospel e secular

A decisão por organizar o roteiro dessa forma se deu com o objetivo de apreender as percepções possíveis sobre presente e futuro, valores individuais e coletivos e o quanto estes se apresentam no engajamento das pautas morais. Quanto a estas, buscou-se compreender se sobressaem às necessidades do cotidiano e quais repertórios são acionados para se pensar justiça, dignidade humana, igualdade e fé. Em relação ao campo específico da política, o roteiro nos permitiu compreender o que as entrevistadas entendem por corrupção, o nível de preocupação com este tema e que relação estabelecem entre esta pauta e o primeiro ano do governo Lula. Tal abordagem nos possibilitou mapear os níveis de confiança, a percepção sobre políticas públicas e os pontos de diálogo.

A primeira parte do roteiro ofereceu às participantes da pesquisa a oportunidade de discorrerem sobre suas biografias, trazendo informações que foram essenciais no momento do recrutamento, mas que seguem sendo importantes como ponto de interação entre as entrevistadas. Nesse momento, foi possível falar sobre situação profissional e local de trabalho, se já concluíram os estudos ou se ainda estudam, local de nascimento, onde e com quem moram.

A essas informações, somam-se as de caráter mais religioso, como tempo e experiência de conversão, relatos sobre a família e existência de outras pessoas convertidas nela, trânsito religioso, participação comunitária e rotina desenvolvida em seu contexto eclesiástico, incluindo atividades realizadas dentro e fora dos templos.

A segunda parte do roteiro aprofundou o debate acerca das relações entre religião e política e o que pode ser visto como ponto de engajamento das mulheres evangélicas na política sob uma perspectiva mais institucionalizada. Assim, foi possível ouvir uma avaliação consistente sobre as eleições de 2022, o que mobilizou e o que produziu distanciamento na decisão sobre quem votar. Nesse eixo de perguntas, foi possível desenhar uma escuta a respeito de qual perfil político suscita mais confiança, como uma pessoa cristã deve votar e que atributos uma/um candidata/o cristã/o precisa ter. Entre a maioria das entrevistadas, foi recorrente a descrição de uma sensação de se sentir dividida, seja na família, seja na relação com as outras pessoas das suas comunidades de fé.

Um elemento importante trabalhado nessa parte foi a indagação sobre a participação das entrevistadas nas eleições para os Conselhos Tutelares, sua visão acerca das candidaturas religiosas para este órgão e sobre a produção de políticas públicas para a infância e a adolescência. A inclusão desse tema se deu devido ao aumento da candidatura de evangélicas/os ao cargo de conselheiras/os tutelares em 2023 (cujas eleições haviam acontecido em data próxima à realização das tríades), com destaque para a intensa mobilização de igrejas como a Universal do Reino de Deus na disputa pela ocupação desse espaço de participação cívica.

A terceira parte do roteiro reúne alguns desafios porque trata da capilarização na esfera do cotidiano dos temas que geraram imensa polarização política. Entre estes, se incluem: continuação dos efeitos mais perversos da pandemia; percepções sobre economia; existência ou não de uma crise em curso; e se houve melhoras no primeiro ano de governo Lula. Esse também foi um espaço para se compreender como as participantes pensavam assuntos como as participantes pensavam assuntos como liberdade religiosa e racismo religioso e como percebiam afirmações relacionadas à cristofobia.

Questões de gênero e sexualidade foram abordadas, conduzindo a diálogos sobre "ideologia de gênero", educação sexual nas escolas e feminismos. O último item desta parte contemplou aspectos que se referiam à compreensão da democracia e à possibilidade de políticos eleitos mudarem a realidade do país, além de perspectivas de investimento do dinheiro público e o Brasil ideal no futuro.

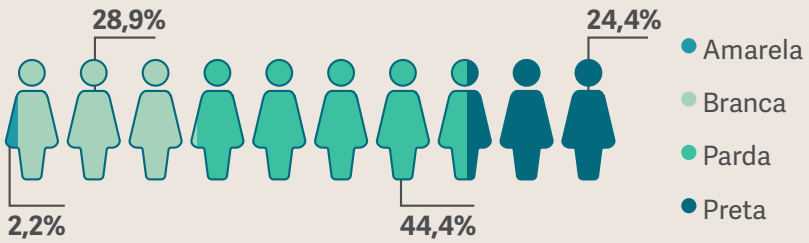
Seguindo os mesmos objetivos de 2022, construímos um eixo específico para abordar o tema da família, exatamente porque esta segue sendo uma importante categoria de identificação e pertencimento, configurando ainda um tema-chave de relação entre o que se vivencia no cotidiano e o que se espera como representação e até proteção política. Ela se apresenta assim como um espaço para se pensar um regime complexo de responsabilidades que inclui o papel do Estado e suas lideranças, bem como o da igreja, além da definição das responsabilidades individuais. Esse eixo foi relevante para desenhar uma visão sobre o que a família de fato representa, se pode ser vista como um espaço de apoio e segurança ou de manutenção das violências, na forma doméstica, de gênero e de abusos sexuais contra crianças e adolescentes. Nesse sentido, abriu-se a oportunidade para se falar sobre a dinâmica familiar, as atividades de cuidado e responsabilidade das mulheres, sobrecarga de trabalho e conjugalidades.

Nosso intuito foi aprofundar ainda mais um achado capturado no estudo em 2022, ou seja, apreender o modo como família, pertencimento e reconhecimento são valores que também articulam sentidos para além dos limites da moralidade, atravessando o senso de responsabilidade civil, subsistência e as perspectivas sobre políticas públicas.

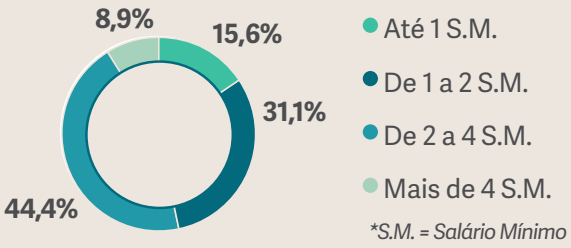
A quinta e última parte buscou mapear as relações com a mídia e com as redes sociais digitais, levantando os programas de rádio mais ouvidos, os podcasts mais citados e os perfis mais seguidos em diferentes plataformas. Também procuramos apreender o entendimento sobre a representação evangélica na televisão aberta, em novelas bíblicas como a da Record ou em novelas com personagens evangélicas, como é o caso da Rede Globo.

Perfil das entrevistadas

Perfil étnico

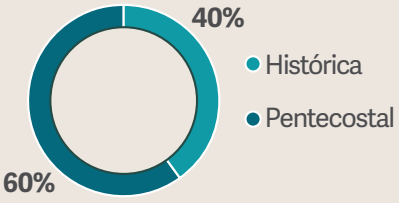


Salário

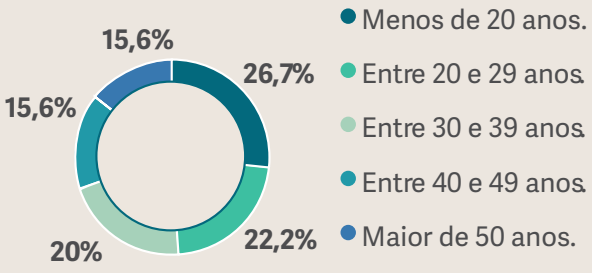


*S.M. = Salário Mínimo

Denominação



Faixa Etária

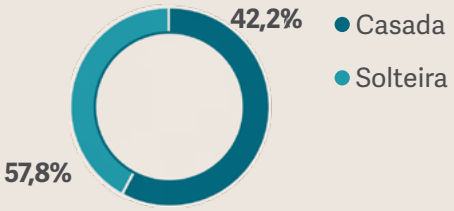


Perfil das entrevistadas

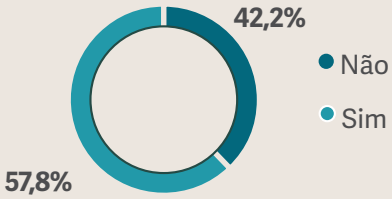
Cidade

Belo Horizonte	15.6%
Curitiba	8.9%
Goiânia	4,4%
Manaus	8,9%
Rio de Janeiro	11,1%
Salvador	26,7%
São Paulo	24,4%

Estado Civil



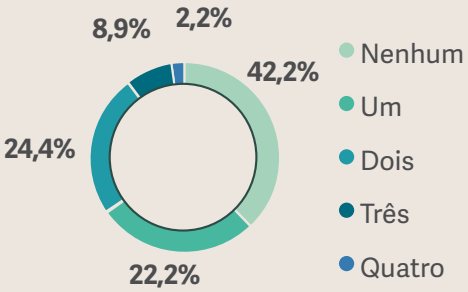
Tem filhos?



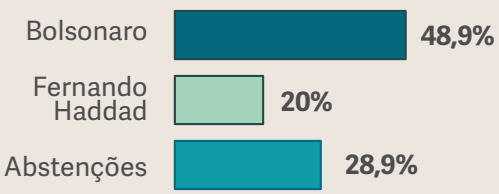
Escolaridade

Ensino Médio Completo	40%
Ensino Médio Cursando	8,9%
Fundmental Incompleto	2,2%
Superior Completo	26,7%
Superior Cursando	11,1%
Superior Incompleto	8,9%
Técnico Cursando	2,2%

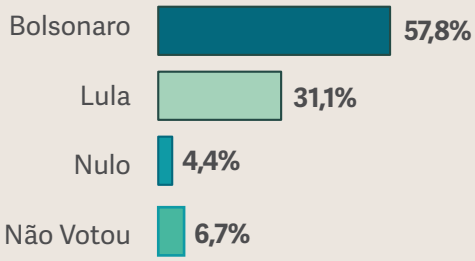
Quantos filhos?



Voto em 2018



Voto em 2022

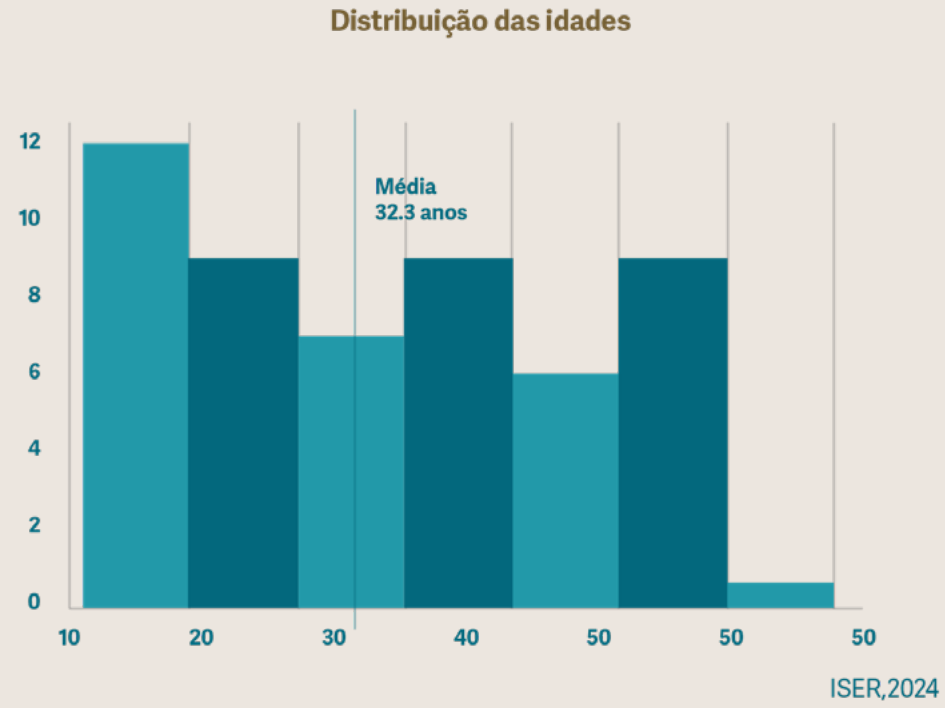


Perfil das mulheres evangélicas

1. Idade como categoria interseccional

Na distribuição etária das participantes, seguimos um padrão semelhante ao da representatividade nacional de pessoas evangélicas. Dessa forma, selecionamos a maior parte de entrevistadas entre 16 e 45 anos, resultando 32,3 anos como idade média delas.

Além da definição etária, o perfil geracional também foi importante como eixo organizador das tríades. Entendemos que para tratar de algumas temáticas, geração pode funcionar como um marcador mais forte do que perfil étnico-racial, região de moradia e mesmo pertencimento denominacional. O Gráfico 1 apresenta a distribuição etária das participantes.



No desenho da pesquisa e na organização das tríades, o perfil geracional é considerado central para interseção com outras variáveis, tais como perfil étnico-racial e denominação. Nesse sentido, também se apresenta

como elemento importante para compreendermos o modo pelo qual as participantes elaboraram suas escolhas no pleito de 2022 e as leituras que fizeram acerca do primeiro ano do governo, algo que discorreremos adiante.

Para cruzar idade e voto, as tríades foram divididas em quatro perfis etários. No primeiro, que reuniu catorze mulheres de 40 anos ou mais, 10 votaram em Bolsonaro e 4 deram voto a Lula. O segundo grupo foi composto por nove mulheres de 30 a 39 anos, das quais 6 votaram em Bolsonaro. Neste agrupamento, 2 pessoas preferiram Lula, sendo que uma outra votou nulo. Quando cruzamos idade e voto com pertencimento denominacional, vemos que sete são pentecostais, e cinco, históricas.

O terceiro grupo era formado por 12 mulheres entre 20 e 29 anos, e nesse caso 6 preferiram Bolsonaro , ao passo que três , Lula, havendo também um voto nulo. O cruzamento dos votos com pertencimento denominacional neste grupo mostra que entre as pentecostais, 3 votaram em Bolsonaro, e 1 em Lula; já entre aquelas vinculadas ao segmento protestante histórico, três optaram por Bolsonaro, e duas, por Lula.

No quarto e último grupo, com 12 mulheres de 16 a 19 anos, 3 não votaram porque não tinham a idade mínima de 16 anos à época para se tornarem eleitoras, 5 escolheram Lula e 4, Bolsonaro. Portanto, quando a idade representou fator preponderante, foi o grupo que mais preferiu Lula.

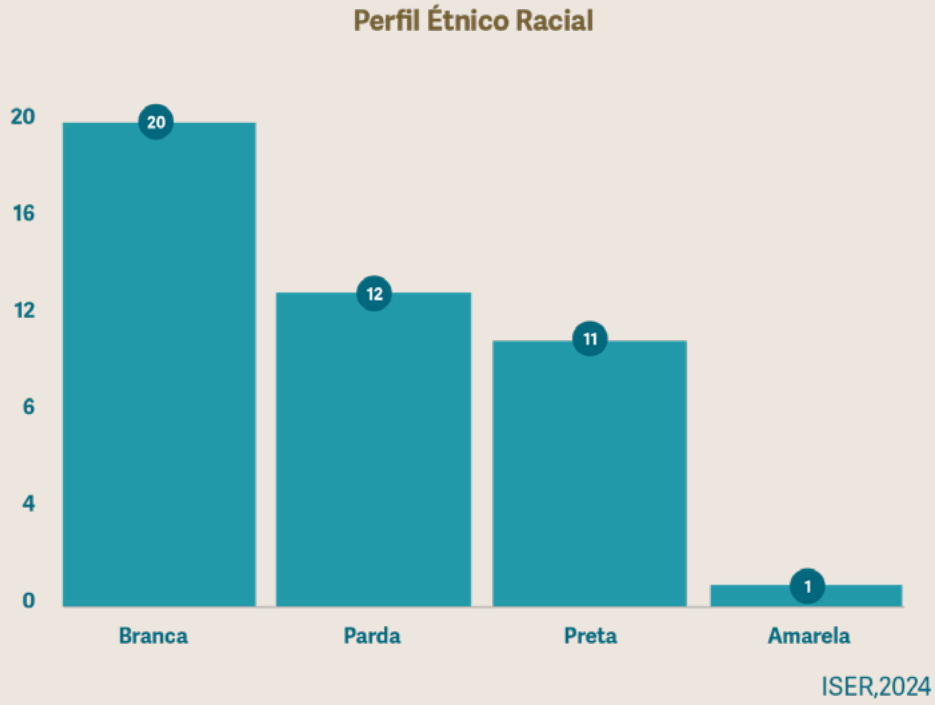
Ao cruzarmos idade com pertencimento denominacional, vemos que, entre as mulheres do segmento histórico, a faixa que mais votou em Lula foi aquela com participantes com mais de 50 anos (3%). Na que reúne pessoas consideradas em "idade produtiva" (30- 49 anos), o voto em Bolsonaro foi maioria, independentemente do segmento denominacional (6 pessoas). Entre as entrevistadas mais novas, a idade seguiu preponderante, pois históricas e pentecostais votaram mais em Lula neste grupo do que nos

demais. Dentro do segmento pentecostal, a única faixa de idade em que Bolsonaro não venceu foi entre 16 a 19 anos.

Quando adicionamos denominação como variável dependente, no segmento pentecostal, 3 mulheres com mais de 50 anos votaram em Bolsonaro e 1 em Lula. Na faixa entre 40 e 49 anos, 4 participantes escolheram Bolsonaro. Entre as que têm 30 a 39 anos, 3 votaram em Bolsonaro, 2 em Lula e 1 declarou voto nulo. Já na faixa entre 20 e 29 anos, 3 votaram em Bolsonaro, 1 em Lula e 1 nulo. Por fim, entre as mais jovens, de menos de 20 anos, 3 votaram em Bolsonaro, 3 em Lula e 2 não votaram.
Na última faixa (16-19 anos), 50% das participantes optaram por Bolsonaro, e 50%, por Lula; logo, no segmento pentecostal, o voto foi direcionado a Bolsonaro de forma significativa em todas as faixas etárias. Dentre as participantes de denominações do segmento histórico, a primeira faixa etária também votou 75% em Lula, e na segunda, esse percentual foi de 100% para Bolsonaro. No terceiro grupo, 60% votou em Bolsonaro, e 40% em Lula, e no quarto, 50% votou em Lula, 25% em Bolsonaro e 25% (uma pessoa) não votou.

2. Perfil étnico-racial

Segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, as mulheres negras correspondem a 58% da população brasileira; no caso do público evangélico, também são maioria e equivalem a 58% do total de fiéis. Em nossa pesquisa, o perfil étnico-racial teve como base a distribuição nacional da população evangélica, trazendo um número superior a 70% das participantes. O Gráfico 2 ilustra esse perfil.



Quando pensamos no perfil étnico-racial como variável dependente, vemos que o maior grupo, ocupado por mulheres negras, distribuiu seu voto da seguinte maneira: entre as pardas (correspondem a 20 participantes da amostra), 13 votaram em Bolsonaro, 6 em Lula e uma não votou. Seis delas pertencem às igrejas do segmento histórico e 14 são pentecostais. A maioria das pessoas pardas votou em Bolsonaro. Na primeira faixa etária (menos de 20 anos), duas votaram em Bolsonaro, quatro em Lula e uma não votou; no segundo grupo etário (entre 20 e 29 anos), duas preferiram Bolsonaro; no terceiro (entre 30 e 39 anos), três votaram em Bolsonaro e duas em Lula; no quarto grupo (entre 40 e 49 anos), cinco escolheram Bolsonaro; e no último (mais de 50 anos), uma votou em Bolsonaro. Assim, foi entre as mulheres pardas que Lula recebeu maior número de votos na faixa etária mais jovem.

Ainda no grupo das mulheres negras, entre as autodeclaradas pretas, onze compunham a amostra, das quais seis votaram em Bolsonaro, três em Lula, uma não votou e uma votou nulo. Sob o ponto de vista da vinculação evangélica, sete são históricas e quatro, pentecostais. Em relação à idade, na primeira faixa etária (menos de 20 anos), duas votaram em Bolsonaro, uma em Lula e uma não votou; no segundo grupo (entre 20 e 29 anos), duas escolheram Bolsonaro e uma, Lula; no terceiro (entre 30 e 39 anos), duas votaram em Bolsonaro e

uma, nulo; e no último (mais de 50 anos), uma votou em Lula. No quarto, 50% optaram por esse candidato, contra 25% que preferiram Lula.

Entre as mulheres brancas (13 pessoas da amostra), observamos no cruzamento raça e idade que sete optaram por Bolsonaro, cinco escolheram Lula e uma não votou. Nesse grupo, oito são pentecostais e neopentecostais e cinco, históricas.

Ao interseccionarmos perfil étnico-racial, idade e voto, vemos que no primeiro grupo (mais de 50 anos), duas votaram em Bolsonaro e três em Lula; no segundo (entre 40 e 49 anos), duas votaram em Bolsonaro; no terceiro (entre 30 e 39 anos), uma votou em Bolsonaro; no quarto (entre 20 e 29 anos), duas votaram em Bolsonaro e duas em Lula; e no último (menos de 20 anos), houve uma não votante.

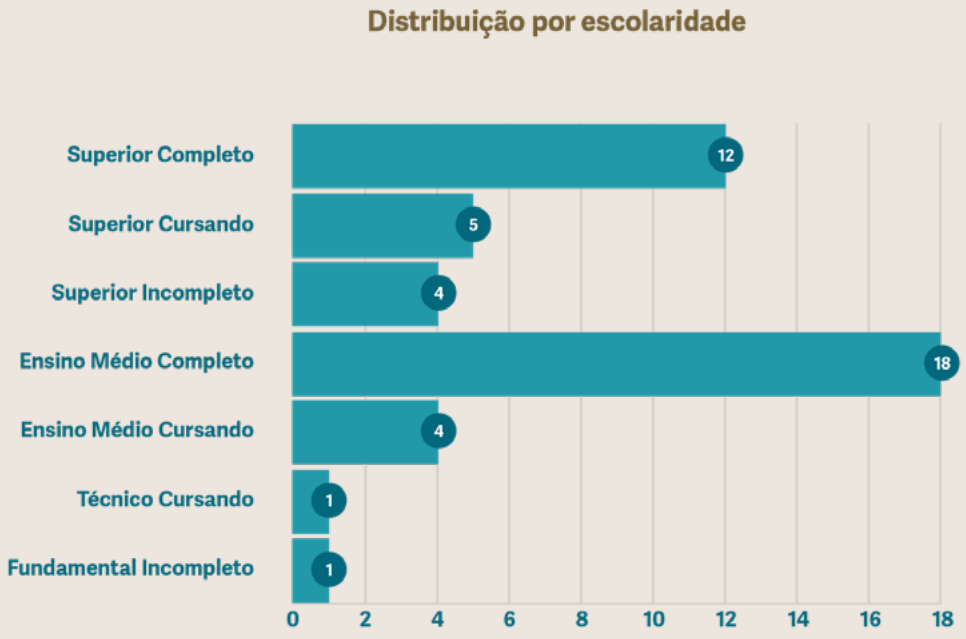
3. Escolaridade

Em relação à escolaridade das participantes, a maioria concluiu ou ainda cursa o Ensino Médio, o mesmo índice encontrado na média nacional da população evangélica. Quando pensamos este número por idade, é possível notar que no caso desta amostra todas as mulheres entre 16-19 anos, independentemente do perfil étnico-racial, se concentram entre as categorias Ensino Médio completo e Ensino Médio cursando.

A pesquisa indica um número significativo de pessoas que finalizaram o Ensino Superior, estão cursando ou iniciaram e não concluíram. Dentre as 22 mulheres nesse grupo, três são brancas, 19 são pretas e pardas.

Mulheres negras, contudo, concentram-se em maior número no Ensino Médio, dado que também se confirma entre as que têm mais de 30 anos e permanece presente mesmo quando cruzamos com pertencimento denominacional ou região de moradia.

Quando olhamos a relação entre escolaridade e votos para o pleito presidencial de 2022, não é possível pensar sob o viés de correlação, pois não há um número maior de pessoas que votaram em Bolsonaro ou Lula concentrado por nível educacional. O Gráfico 3 apresenta a distribuição das participantes por escolaridade.



ISER,2024

No grupo que possui Ensino Médio completo (18 mulheres), 11 votaram em Bolsonaro e seis em Lula, tendo o registro de um voto nulo. Em relação ao perfil étnico racial neste grupo, três pessoas são brancas e 15 pessoas negras, sendo nove pardas e seis pretas . Em relação ao pertencimento denominacional, seis são de igrejas históricas e 12 são de igrejas pentecostais.

Quando cruzamos escolaridade e idade vemos que entre as mulheres mais velhas, sete delas concluíram o Ensino Médio. Se cruzarmos o dado Ensino Médio Completo, idade e voto nas eleições de 2022, vemos que das três entrevistadas grupo de 31 a 44 anos, as duas que concluíram seus estudos votaram em Lula e quatro na mesma condição votaram em Bolsonaro. Nos terceiro e quarto grupos etários, que reuniram mulheres abaixo dos 30 anos, foi possível encontrar um número maior de entrevistadas que concluíram o Ensino Médio e que também votaram em Bolsonaro: uma entrevistada entre 20 e 30 anos e três entrevistadas do grupo mais jovem, entre 16-19 anos. Estes dados nos permitem afirmar que entre as participantes da amostra foi possível perceber que as mulheres com

Ensino Médio completo, pardas e pentecostais/neopentecostais votaram mais em Bolsonaro do que em Lula.

Quando analisamos a relação entre a escolaridade Superior Incompleto/ Cursando e o voto em 2022, temos a seguinte quadro: entre as 21 pessoas da amostra que se enquadram nesse perfil educacional, cinco votaram em Lula e 13 votaram em Bolsonaro; nove são brancas e 11 são negras (sete pardas e quatro pretas); dez são de denominações históricas , enquanto 11 são pentecostais .Neste perfil educacional, 1 pessoa pertence ao grupo etário 1, e 10 no grupo etário 3 (20-30 anos).

Ao considerarmos a distribuição dos votos em Lula por grupo etário, temos os seguintes dados: uma mulher entre as velhas e outra de idade entre 31 e 44 anos votaram nele; no terceiro grupo, 20 a 30 anos, o candidato do PT recebeu quatro votos e no quarto grupo etário, o das mulheres mais jovens, foram dados a Lula cinco votos.

Entre as entrevistadas com Ensino Superior Incompleto, todos os votos foram dados a Bolsonaro. Outra característica que merece destaque neste quesito é o pertencimento denominacional: três mulheres pertencem a denominações protestantes históricas e uma pertence a denominação pentecostal. Em relação aos grupos etários, todas as mulheres com Ensino Superior Incompleto que votaram em Bolsonaro têm entre 20 e 65 anos. Desta forma, neste grupo educacional, as entrevistadas votaram mais em Jair Bolsonaro, a maioria é parda, de igreja histórica e possui entre 31 a 44 anos.

No grupo das entrevistadas com Ensino Superior Completo encontramos os seguintes dados: cinco mulheres no segundo grupo etário (31 a 44 anos) e sete pessoas no terceiro grupo etário (20 a 30 anos). Neste perfil educacional, Bolsonaro concentrou o maior número de votos. Neste quesito está um número significativo de mulheres que pertencem a denominações pentecostais.

4. Variação de voto entre 2018 e 2022

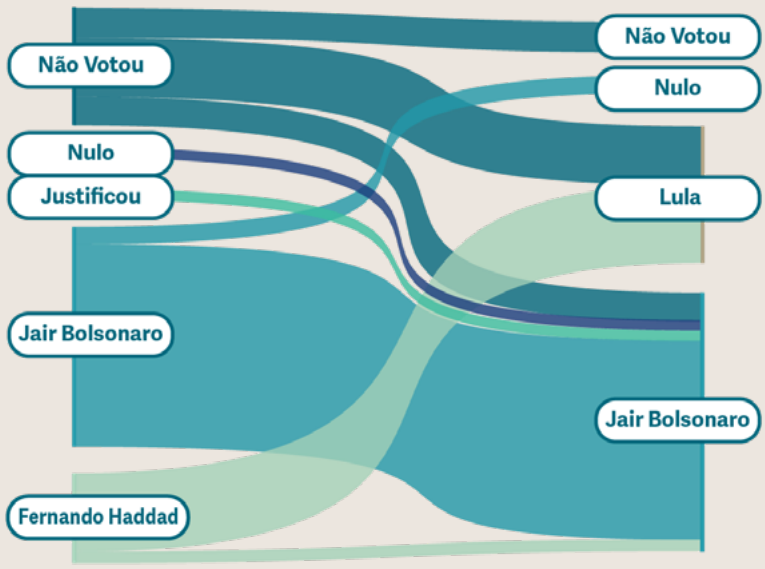
Quando realizamos a primeira etapa da pesquisa em 2022, na qual o período de coleta dos dados foi anterior ao início oficial das campanhas presidenciais, a maioria das entrevistadas declarou que votou em Jair Bolsonaro. Porém, mesmo entre elas havia incertezas e incômodos que traziam certa abertura a uma possível aposta de voto em Lula.

O que a etapa de 2023 nos mostra é que aumentaram os votos em ambos os candidatos. Em 2022, Lula recebeu 14 votos, mais do que Fernando Haddad havia recebido em 2018 (9 votos), indicando um crescimento de 55% em relação à declaração de voto anterior. As participantes também declararam que escolheram mais Bolsonaro em 2022 (26 votos) do que em 2018 (22 votos), indicando uma elevação de 18%.

Outro aspecto relevante diz respeito à distribuição dos votos entre quem não participou do pleito de 2018, mas votou em 2022. Esse dado se concentra sobretudo nas entrevistadas de menos de 20 anos, com 5 votos em Lula e 3 em Bolsonaro, além de 1 voto em Lula entre 20 e 29 anos e 1 voto em Bolsonaro entre 30 e 39 anos. Assim, a maioria dessas mulheres optou por Lula, o que reforça a importância do recorte geracional. Este dado também aponta para um significativo engajamento eleitoral na campanha petista entre mulheres que votaram pela primeira vez para presidente da República.

O Gráfico 4 apresenta o comportamento das participantes da pesquisa em relação aos pleitos de 2018 e o de 2022.

Voto em 2018 e 2022



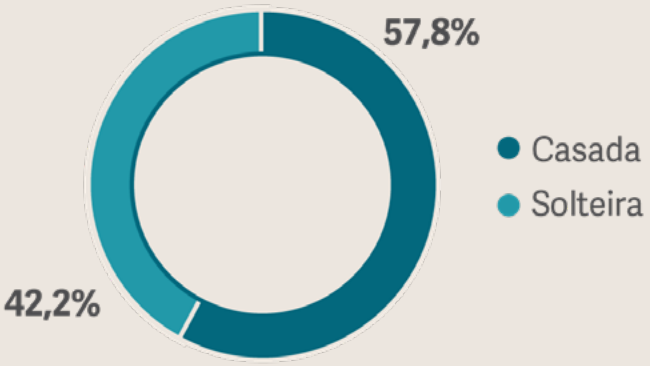
ISER,2024

5. Família nuclear e relação com a maternidade

É notório que as relações familiares são centrais para as mulheres estabelecerem seu lugar no mundo e para compartilhar redes de cuidado e proteção. Nesta fase da pesquisa, no processo de recrutamento de entrevistadas para a composição das tríades, buscamos incluir vivências familiares diversas das mulheres com a participação de casadas, solteiras, com filhos e sem filhos.

Entre as solteiras, estão aquelas entre 16 e 40 anos, já as mais velhas são negras e apresentam mais escolaridade e renda. As participantes casadas estão na faixa entre 19 e 65 anos, com predominância significativa a partir dos 30 anos. Diferentemente do que ocorre com as que disseram ser solteiras, em que renda e escolaridade se concentram em um único perfil étnico-racial, as que se declararam casadas se distribuem em escolaridade e renda e perfil étnico-racial. O Gráfico 5 traz informações acerca do estado civil das participantes da pesquisa.

Estado Civil

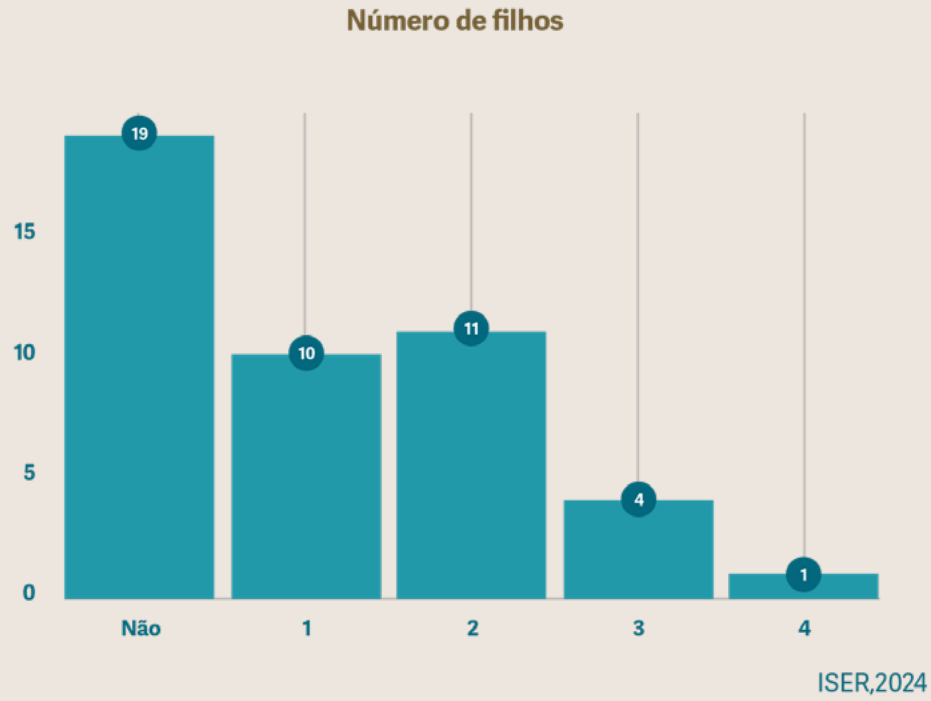


ISER,2024

Em relação ao número de filhos, apenas uma das entrevistadas com renda familiar de até R$ 1 mil declarou ter quatro; as demais se distribuíram entre um e três. A maioria das participantes que não têm filhos, estão na faixa etária de 19 e 40 anos, com significativa concentração de renda. As mulheres negras também são maioria, com mais registros entre as entrevistadas com menos de 25 anos e entre 35 e 40 anos.

Região de moradia e pertencimento denominacional não se apresentam como variáveis relevantes na descrição do modelo de família nuclear das participantes. Nesse sentido, mulheres solteiras e sem filhos, entre 25 e 40 anos, pertencem a variadas denominações dos segmentos pentecostal e protestante histórico e estão distribuídas nas cinco regiões do país. O Gráfico 6 mostra o número de filhos das entrevistadas.

Assim como observado em 2022, houve alteração da relação com o casamento e com a opção por ter ou não filhos entre as mulheres evangélicas. Isso não as distancia das atividades de cuidado e da responsabilidade em um modelo estendido de família.



6. Renda e ocupação

Para se compreender o perfil socioeconômico das entrevistadas foram consideradas três faixas de renda (de 7.000,00 a R$ 14.000,00; de R$ 2.000,00 a R$ 5.000,00; de R$ 600,00 e R$ 1.500,00) buscando correlacioná-las com declaração etnico-racial, grupos etários, pertencimento denominacional e regiões de moradia.

Na primeira faixa salarial/renda (mais de 4 salários mínimos), tivemos 4 participantes, das quais 3 se autodeclararam brancas e 1 parda. Quando cruzamos esse dado por idade, observamos que há uma participante em cada faixa etária — menos de 20 anos, entre 20 e 29 anos, entre 30 e 39 anos e mais de 50 anos. Em relação ao perfil denominacional, duas pertencem ao segmento do protestantismo histórico e duas ao pentecostal. Quanto à região de moradia, três vivem em São Paulo (Sudeste) e uma em Manaus (Norte).

A segunda faixa salarial/renda (de 2 a 4 salários mínimos) reúne 20 participantes, das quais 4 são brancas, 8 pardas, 7 pretas e 1 amarela. O grupo contempla mulheres de todas as faixas etárias e níveis de escolaridade. Em relação ao pertencimento denominacional, há equilíbrio: 10 pertencem a denominações pentecostais ou neopentecostais e 10 às protestantes históricas. Quanto à região de moradia, a concentração é maior no Sudeste, com destaque para São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro (11 participantes), seguido pelo Nordeste (5) e Norte e Sul (4 somadas).

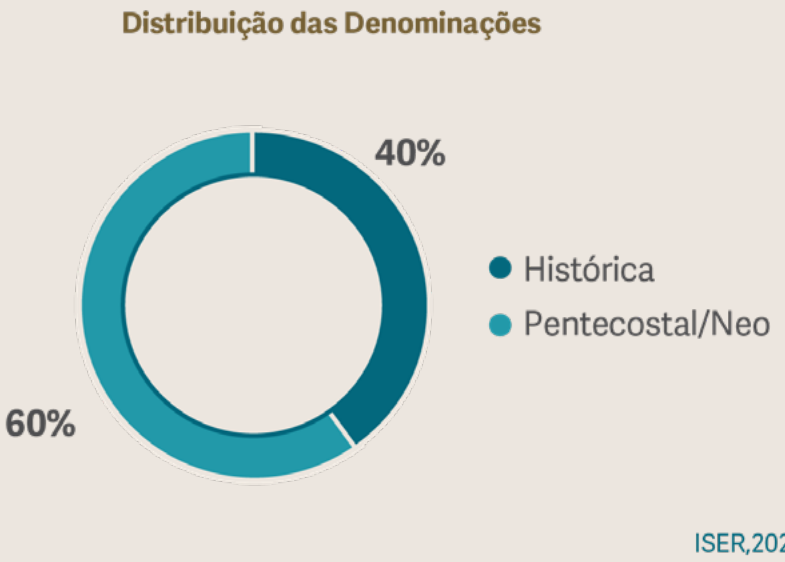
Na terceira faixa salarial/renda (de 1 a 2 salários mínimos) estão 14 participantes, sendo 4 brancas, 7 pardas e 3 pretas. A maioria possui Ensino Médio completo ou em curso. Diferentemente da faixa anterior, há predominância do segmento pentecostal (9 participantes) sobre o histórico (5). Em termos regionais, o Sudeste é novamente predominante (6 mulheres), seguido pelo Nordeste (5), Sul (2) e Centro-Oeste (1).

Também com o objetivo de delinear o perfil socioeconômico consideramos as ocupações declaradas pelas participantes. Como é possível ver no Gráfico 7, a maioria atua no setor administrativo, seguido por comércio/vendas e serviços. Não foi possível identificar o regime de trabalho envolvido e se nas funções administrativas predominam vínculos trabalhistas CLT, porém alguns dados nos ajudam a desenhar melhor esse perfil profissional. O primeiro deles é que, exceto pelas atividades de estágio – comuns às participantes cuja idade varia de 16 a 19 anos – com o restante da amostra, profissões como vendedora, administradora, recepcionista e auxiliar administrativa são desempenhadas tanto por quem tem Superior Completo como por quem tem Ensino Médio.

Outro aspecto que merece ser mencionado é que apenas uma das participantes se referiu como "do lar" e somente uma declarou-se desempregada. Isso coloca a maioria como ativa no mercado de trabalho e explica a preocupação em relação a governo e garantias de postos de trabalho e melhora do poder de consumo.

7. Perfil denominacional

Também em diálogo com a média nacional da população evangélica, a amostra é composta por uma maioria de mulheres pertencentes às denominações pentecostais e neopentecostais. No Gráfico 8, é possível observar que 40% frequentam denominações protestantes históricas, e 60%, as do segmento pentecostal e neopentecostal.



Quando cruzamos pertencimento denominacional com votos no pleito de 2022, é possível ver que Bolsonaro foi o escolhido em todos os segmentos, porém houve um percentual maior de votos em Lula entre as mulheres de denominações protestantes históricas. Na amostra, das 18 que frequentam igrejas históricas, dez preferiram Bolsonaro, e sete, Lula, sendo que uma votou nulo.

Entre as 27 entrevistadas vinculadas ao segmento pentecostal e neopentecostal, 16 (59%) optaram por Bolsonaro, e sete, por Lula; quatro (15%) não participaram da votação (duas nulos e duas não votaram). Importante ressaltar que esse percentual de não votantes ocorreu devido a uma concentração de mulheres entre 16 e 19 anos nesse grupo.

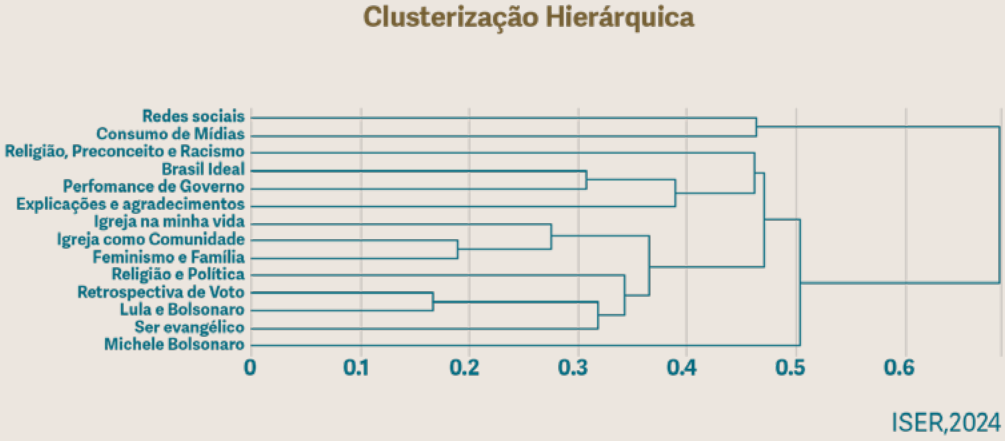
O que os cruzamentos articulam?

Um exercício recorrente na pesquisa tem sido pensar cada uma das partes que compõem o roteiro das tríades como eixos em articulação. Isso nos permite afirmar que cada um dos conteúdos abordados emergiram numa teia de relações, logo, as temáticas estão sempre cruzadas e seus significados só fazem sentido pensados em articulação. Este procedimento aparece desde as categorias que nomeiam a pesquisa, considerando-se que política não teria sentido algum apartada das dinâmicas do cotidiano vivenciado pelas participantes da pesquisa.

Os gráficos a seguir demonstram esse exercício de compreensão dos sentidos em articulação nas falas registradas nas tríades, utilizando um método de análise em que os dados foram codificados a partir da contagem, organização e seleção das categorias utilizadas pelas mulheres.

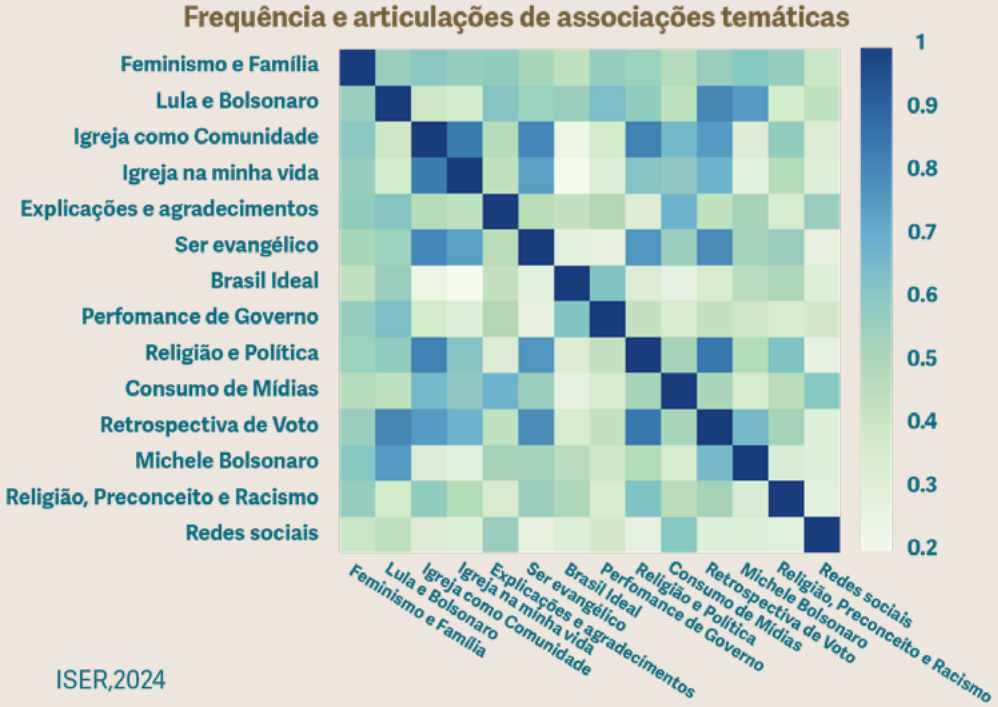
Para codificar e raspar (extrair) os dados da amostra foi necessário organizar o conteúdo das 15 tríades em partes separadas, o que tornou possível analisar as falas em blocos distintos e realizar a modelagem dos tópicos desenvolvidos nas entrevistas com o apoio de inteligência artificial.

O primeiro gráfico é um dendograma, em que é possível visualizar alguns agrupamentos e combinações entre alguns blocos temáticos, considerando a frequência e o lugar de aparição de determinadas categorias e assuntos, nos permitindo materializar a dinâmica das articulações e dos cruzamentos. Nele, podemos verificar, por exemplo, que Brasil Ideal e Performance de governo são tópicos que pertencem a um mesmo "grande grupo". O mesmo ocorre com Igreja como Comunidade e Feminismo e Família. Consumo de Mídias (mensuradas em perguntas sobre "ah, vocês ouvem podcast" e etc) são próximas a perguntas sobre o uso de Redes Sociais (TikTok, Youtube, etc). As caixinhas que conectam os temas representam isso. Quanto mais perto da esquerda está a ramificação (como é o caso de Retrospectiva de Voto e Lula e Bolsonaro), maior é o fator de pertencimento a uma mesma classe/grupo maior.



Nesse sentido é possível perceber que existem frequências maiores e menores para determinadas combinações, e que todos os principais assuntos codificados via raspagem dos dados se articulam entre redes sociais, mídias e uma sequência de temas que envolve igreja, família, identidade religiosa e perspectivas políticas.

No segundo gráfico as combinações podem ser visualizadas tornando ainda mais evidente a frequência e o estatuto de algumas articulações e cruzamentos. Na sequência de cores e número é possível perceber quais associações apareceram com mais força a partir da conexão entre as partes do gráfico :



Por esse exercício de similaridade é possível entender como um pedaço ou trecho de fala faz referência ou se conecta diretamente com outro pedaço de fala ou fonte citada no contexto das interações em tríades. Isto nos permite compreender quais assuntos renderam mais e como os temas foram referenciados e articulados nas falas das participantes da pesquisa, que, neste relatório, têm as identidades resguardadas por meio do uso de nomes fictícios, retirados, simbolicamente, da Bíblia.

1. A igreja ainda serve como lugar de reconhecimento?

Fazer parte de uma comunidade de fé aparece como algo importante na narrativa de todas as entrevistadas. Com isso, relatar a experiência de conversão desponta como necessário para descrever os movimentos da vida, sejam de pertencimento, sejam de rompimento. A igreja ainda aparece como um lugar de solidariedade, acolhimento e proteção. Vale ressaltar que essa percepção não sofre muita variação quando cruzada com os marcadores perfil geracional, étnico-racial ou classe.

Quando se trata de ambiente de bem-estar e confiança, as figuras de ministras e ministros de música e de pessoas dos círculos de oração se sobressaíram às citações sobre pastores e sermões. Isso nos permite pensar que, para além das grandes lideranças eclesiásticas, há uma microfísica da confiança que recai sobre outras posições, favorecendo deslocamentos e descentralizações na imagem de autoridade. O pastorado se desloca para outras funções.

> Tem umas colegas mesmo que, de madrugada, às vezes a gente entra em um propósito, aí sempre uma liga pra outra pra acordar ou pra ligar pra descer pra orar junto, entendeu?
> *Ester, 28 anos, parda, Assembleia de Deus, Salvador.*

> Eu amo a palavra, mas o que eu mais gosto é de estar no círculo de oração, lá a gente sabe o que cada um tá sofrendo, é lá que eu sinto o poder de Deus
> *Rute, 40 anos, branca, Assembleia de Deus Resgatando Vidas, Rio de Janeiro.*

> Ou você tá dentro da igreja ou você tá em cima do muro – e em cima do muro a gente não aceita aqui na igreja. Ou você tá na Igreja ou você tá no mundo [...] tem dias que fico com sono porque tem sermões muito longos, tem pregadores que falam muito, é um louvor pra 3 horas de sermão, ninguém aguenta
> *Isabel, 19 anos, parda, Igreja Batista de Lagoinha, São Paulo.*

Uma característica importante relacionada ao engajamento institucional das entrevistadas é que a maioria frequenta com assiduidade sua comunidade de fé, mas não ocupa cargos de liderança, o que pode distanciá-las de um olhar mais institucionalizado acerca do modo como pensam sua relação com tal comunidade.

Apesar de haver sensação de confiança, a igreja não é vista apenas como um espaço benfazejo, e suas ambivalências são percebidas e apontadas. Assim, para sobreviver aos desafios que as relações dentro da igreja apresentam, é necessário ter um foco espiritual, Deus é quem sempre faz tudo valer a pena.

> Então o que eu menos gosto é mais a parte do julgamento. Muitos irmãos na igreja, a gente vai pra não julgar e a gente até acaba julgando às vezes, mas tem momentos que se você pensar algo, você tem que guardar pra si. Assim, a pessoa que, um exemplo, é afastada da igreja e tá voltando agora, ela não precisa ouvir sermão, não precisa você falar pra ela que é errado tal coisa que é pecado, não precisa, isso daí pra mim já soa como um julgamento, como uma prepotência da parte da

> pessoa, sabe? Então, tipo assim, como se eu fosse mais santo do que você, porque você tava no mundo e tá voltando agora
> *Maria, branca, 21 anos, Igreja Renascer, São Paulo*.

Quando se aborda quais seriam esses desafios, temas como fofoca e questões de cunho moral dividem espaço com uma elaboração de que a política prejudica as relações dentro da igreja. **Assim, em algumas tríades, foram citados os incômodos e as rupturas ocorridas devido ao pleito eleitoral de 2022, em que algumas pessoas relataram que se sentiram assediadas por lideranças e por pessoas da família.** Conforme comenta Débora, que se autodeclara parda, mora em São Paulo, tem 35 anos e trabalha como professora em um colégio da rede particular. Ela frequenta desde a adolescência a Igreja Assembleia de Deus Ministério Santo. Após escolher Haddad em 2018, disse que foi chamada para conversas pastorais cujo foco era tentar mudar sua decisão de votar em Lula em 2022. Para a entrevistada, a pressão política começou a dificultar suas relações dentro da igreja e a levou a deixar de atuar no ministério infantil, mantendo apenas seu vínculo como frequentadora.

Outro relato que vai na mesma direção é o de Madalena, de 43 anos, que frequenta a Igreja Bola de Neve em São Paulo. Ela escolheu Jair Bolsonaro, mas relatou que demorou um pouco para decidir seu voto, sofrendo pressão da família e da sua comunidade de fé para que se decidisse. Segundo descreve, não raro era lembrada das possíveis consequências de optar por Lula.

Assim, o pleito de 2022 aparece como um ponto de tensionamento nas dinâmicas de solidariedade das igrejas, gerando rupturas e reconfigurações nas relações familiares e com as igrejas

2. A política na igreja e a igreja na política

a) Relação entre igreja e políticos

> Na minha igreja já foram sim, já aconteceu tanto nessa eleição quanto na outra de distribuírem tanto pra deputado quanto para presidente, para tudo.
> Inclusive para essa do Conselho Tutelar, e assim ao mesmo tempo que deve se mostrar a visão da igreja eu vejo muito os julgamentos dos outros de quem pensa ao contrário de quem pensa diferente dos outros, em relação a vários assuntos e isso destrói a igreja.
> *Rebeca, parda, 35 anos, Igreja de Cristo, Goiânia.*

Como em 2022, a relação entre política e igreja segue sendo mal vista pela maioria das entrevistadas. Mas o que estão querendo dizer ao fazer essa afirmação?

Parece que isso está restrito ao espaço de culto e aos espaços de partilha de uma espiritualidade, cultos, reuniões de oração, louvores, células, grupos etários. **A política seria entendida como suficientemente secular, suficientemente laica para estar fora desses ambientes.**

> [...] na eleição foi bem difícil, cheguei a ficar nervosa, porque toda hora era voto pra um, voto pra outro, e a bíblia aberta sem ninguém usar [...] púlpito não é lugar de fazer política.
> *Joquebede, parda, 49 anos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Manaus.*

Se a política não pode se misturar com a dimensão mais espiritual da fé, é bem aceito que a fé seja uma característica dos políticos e que

candidaturas cristãs se fortaleçam nas redes de relações das igrejas. É aí que aparece com força, como ocorreu em 2022, a ideia do candidato com princípios cristãos.

> Porque quem tá na política, se não tiver um representante pelo menos da ideologia de vida do cristão, a gente só vai engolindo o que vai sendo sancionado, votado, requerido. A gente só vai engolir, porque, de verdade, a gente votou e aquela pessoa não tinha pelo menos um principiozinho relacionado ao cristão. Tem que se misturar, eu sou a favor de que cristão seja candidato sim!
> *Ana, 40 anos, preta, Igreja Batista, Salvador.*

A religião aparece como uma dimensão separada da espiritualidade, como o lugar do poder e da gestão institucional. Mesmo não sendo elaborada com a complexidade jurídica presente na ideia de associação da sociedade civil, ela é pensada como um espaço no qual a mistura com a política pode mudar a relação desta com a corrupção. Se a igreja é responsável pela ações humanitárias para cumprir o mandamento bíblico de amor incondicional ao próximo, à religião cabe garantir que os princípios cristãos ganhem linguagem de representatividade institucional para fora do território da igreja. É nesse sentido que religião e política se misturam.

> Bom, eu acho que política e religião se misturam sim. Não na parte espiritual, mas no princípio. Até porque José ele foi governador do Egito, foi uma pessoa colocada no poder por Deus para liderar o povo, pra trazer melhores momentos pra situações que o povo vivia, de calamidade. O Rei Davi também foi rei, né? Ele representou Deus [...] E hoje em dia não é diferente porque hoje as leis são aplicadas através de votação.
> *Lia, 35 anos, parda, Assembleia de Deus, Manaus.*

Voto e eleições

Há uma diferença clara no tipo de engajamento produzido pelos pleitos do Executivo federal, com ênfase no voto para presidente da República, e nas funções de Executivo e Legislativo das eleições municipais. Nas eleições federais, a polarização política tem mais peso, de alguma maneira todos os candidatos são entendidos como de fora, e, consequentemente, atributos assumem importância na produção da identificação com eles. Vimos o destaque dado ao caráter confiável e à incorruptibilidade, as potencialidades empreendedoras e uma experiência de gestão que não precisa vir do campo da política. Também foi comum ouvir a respeito da importância da história de vida e o quanto aquela pessoa inspira sinceridade. Essa última característica continua aparecendo com força nas descrições sobre Bolsonaro, que segue sendo visto pela maioria das entrevistadas como "o menos pior que o outro que foi elegido".

> Três coisas que fazem eu votar numa pessoa são a história, o caráter e a sinceridade da pessoa. Então hoje eu tenho esse pensamento, que antigamente, quando eu morava na Bahia, eu não tinha, de assistir, pesquisar e ver a história daquela pessoa que eu vou eleger, entendeu? Que eu veja que é apta, menos pior do que outras opções que tá ali proposta pra você escolher. [...] Por muito tempo, até hoje os cristãos evangélicos vêm sofrendo perseguições, de todas as partes. Vem tendo reviravoltas na política, no mundo atual, na religião, no dia a dia, dentro das escolas, faculdades, assim, que vem coisas verdadeiramente que é contra a palavra de Deus, o que Deus nos instrui, contra os mandamentos do Senhor. E foram impostos por pessoas que verdadeiramente vai contra as leis de Deus e contra os evangélicos. Então se não tiver pessoas de Deus lá dentro pra votar contra, os massacres aos evangélicos seria pior
> *Eva, 34 anos, parda, Assembleia de Deus, São Paulo.*

Se o voto em um perfil político considerado opositor é impossível quando se trata do contexto de eleições nacionais, nos pleitos municipais a confiança depositada em um candidato transcende os pertencimentos partidários.

> Os vereadores que eu votei eu não lembro, mas eu lembro que foi tudo do PL, sim. Um ou dois que foi do PT, porque são pessoas que saiu daqui da comunidade. A gente conhecia. Não votei junto com muvuca, votei de forma com o que eu ouvia, assistia e sabia o que estava sendo feito. Não sou muito de ir na muvuca não, até porque, dentro de casa, tem muitas cabeças que pensa diferente aqui.
> *Raquel, 40, parda, Assembleia de Deus, Rio de Janeiro.*

Assim, os incentivos, as justificações e a identificação necessária para a escolha de um/uma candidato/a aparecem relacionadas a: (1) pertencimento de classe social – "político fabricado em mansão, eu não quero", afirmou uma das participantes; (2) vínculo com valores familiares ou cristãos (precisa mostrar que dá conta de atender às preocupações que elas têm com os filhos); e (3) relações de confiança, que podem ser provenientes tanto de experiências prévias na política quanto se referir à proximidade com os candidatos ao voto.

b) Lula X Bolsonaro

Lula e Bolsonaro foram citados quando se trata de engajamento político. Ambos os nomes despertam identificação, críticas, paixões e desconfiança. Ainda sobre as eleições de 2022, para várias participantes a decisão do voto se deu na última hora, de modo que, apesar das críticas, pareceu mais seguro votar em Bolsonaro. A avaliação de suas falhas e limitações como governante é sempre recuperada e, ao mesmo tempo, o reconhecimento de atributos como sinceridade e princípio cristão tornam a escolha mais prudente.

> Na última eleição, pra presidente eu votei no Bolsonaro pelos princípios cristãos. Não que eu concorde 100% com as

> coisas que ele dizia, né? Muito falho, tudo, mas colocando na balança o que um e outro tava ali oferecendo, eu preferia mesmo ficar com o Bolsonaro. Eu acho que o que ele condizia, o que ele podia continuar fazendo seria melhor.
> *Azenate, branca, 43 anos, Bola de Neve, São Paulo.*

Pensar em Bolsonaro como "voto seguro" era justificado, não raro, pelo receio do que o governo Lula poderia gerar como questão específica às pessoas evangélicas, tanto pela maior taxação de impostos e fechamento de templos quanto por uma espécie de impedimento de que a "palavra de Deus fosse pregada" ou mesmo por alguma perseguição maior. Tais narrativas representam bem a difusão, no contexto do pleito eleitoral de 2022, de que, se Lula fosse eleito, o novo governo instauraria mecanismos específicos de controle para o público evangélico.

> Quem eu votei foi no Bolsonaro, pelos princípios cristãos. E também por ser o menos pior, o pior é o que tá elegido. [...] Eu penso muito sobre Bolsonaro e penso que é melhor que Lula. Penso no Bolsonaro e outra cabeça pensa muito sobre Lula. Então dá briga, dá discussão, mas no fim a gente tem que levar pra Palavra. E quando leva pra Palavra, que é a nossa realidade, a gente acaba enxergando que o que tá elegido não é condutor da Palavra.
> *Sara, preta, 33 anos, Igreja Cristã do Brasil, Curitiba.*

Para além da sensação de possível perseguição, as acusações de corrupção ainda apareceram com força nas narrativas sobre Lula por parte de quem votou em Bolsonaro. A corrupção seria uma prova da ausência dos princípios cristãos. Questões relacionadas à proteção das famílias ou mesmo a uma possível preferência por parte do governo Lula no desenvolvimento de políticas públicas para a população LGBTQIAP+ foram pouco evidenciadas. Quando isso ocorreu, o tema da corrupção ainda serviu como principal termômetro para se assegurar uma inabilidade de Lula no poder.

> Meu voto foi pra Bolsonaro. Eu votaria de novo pra ele porque eu acho que o presidente atual nunca fez nada. Agora eu vejo com clareza que ele nunca fez nada, e continua sem fazer, porque ele já assumiu o mandato vai fazer um ano e nada mudou [...] ao contrário, vi algumas mudanças assim, só pra piores, né?
> Mara, 34 anos, parda, Assembleia de Deus, São Paulo.

Ainda pensando sobre o eixo Bolsonaro/Lula, as percepções acerca da economia também foram muito recorrentes para tratar da questão. Com isso foi possível observar uma avaliação muito pessimista do desempenho do governo em um ano, mesmo entre quem decidiu votar em Lula em 2022 após ter escolhido Bolsonaro em 2018.

> Acho que pra melhorar, a legislação tem que funcionar, porque um cara que roubou milhões foi pra prisão e saiu tão rápido assim e já virou presidente de novo?! É meio estranho, né?! Fora outros também que não me lembro o nome agora, que roubou, foi comprovado e tudo e agora tá tudo solto aí. Se a justiça funcionasse como deveria funcionar, eles não continuariam fazendo isso.
> *Lídia, 40 anos, parda, Igreja Batista, Salvador.*

Quando cruzamos essa percepção ao pertencimento denominacional das participantes, verificamos que ela apareceu tanto entre aquelas do segmento pentecostal e neopentecostal quanto as do protestante histórico. Porém, ao olharmos as proporcionalidades, é possível notar uma concentração significativa de mulheres pertencentes a denominações históricas Batista e Adventista e Batista pentecostalizada, como é o caso da Igreja Batista da Lagoinha, que avaliam o governo Lula de forma negativa. Este ponto tensiona o dado da pesquisa já relatado, de que mulheres de igrejas do ramo histórico deram mais votos a Lula, e aponta para uma reflexão sobre possíveis diferentes lógicas de escolha: a do voto e a da avaliação dos governos.

Outro dado significativo é que não foi possível perceber a região como um marcador relevante. Isso porque o relato de sensação de risco atrelado a uma avaliação negativa do governo Lula apareceu em mulheres que residem nas cinco regiões do país, sendo mais recorrente entre as participantes casadas e com filhos e independentemente do perfil étnico-racial e geracional. Assim, nos parece que o sentimento de desconfiança resulta em uma leitura negativa do desempenho do governo Lula nos primeiros 11 meses de mandato, o que dificulta o reconhecimento da implementação e ampliação de políticas públicas e mesmo a recuperação da economia.

> Eu não fiz o L, não pelo candidato, pelas propostas. Na eleição eu fiquei feliz de terem mulheres, mas achei ainda muito fracas pro que o Brasil precisa. Hoje a gente tá sendo governado por um que roubou milhões e não foi feito nada. E agora é que ele não vai olhar pra pobre mesmo. E dizem que ele é o pai dos pobres. Será? Eu fui comprar o leite pro meu filho e tava caro, e falavam que era pra fazer o L pra baixar o preço das coisas.
> *Miriã, 19 anos, preta, Igreja Batista da Lagoinha, Belo Horizonte.*

Segurança pública é outro tema presente nas avaliações negativas do governo Lula e na evidente percepção de piora. A relação de Bolsonaro com os militares dá a sensação de que o governo anterior tinha mais condições de lidar com a questão e que havia mais segurança nas ruas. A desconfiança no governo Lula passa por uma sensação de insegurança, e em alguns relatos apareceram afirmações de que em poucos meses a violência teria aumentado, bem como a impunidade.

> Olha, eu continuo mantendo, né, o que eu falei em questão à segurança, que eu acho que deu uma caída quando ele [presidente Lula] assumiu. Achei que deu uma caída, né, que as coisas tinham voltado novamente, mas, tenho

> esperança para que melhore, principalmente segurança nas escolas, universidades, né? Lugares que a gente fica ali vulnerável, que não tem como se defender, né, e acaba perdendo a vida por besteira. O preço das coisas realmente... pra gente poder consumir. E é isso, para mim, o que precisa mais é a segurança.
> Noemi, 29 anos, preta, Igreja Batista, Salvador.

Apesar de haver participantes com menos de 28 anos que avaliaram o governo Lula como ruim, foi na faixa etária entre 16 e 28 que concentrou o maior número de boas avaliações, mesmo entre quem não votou no pleito de 2022 (por ter idade até 19 anos). A avaliação positiva e o reconhecimento de que Lula foi um candidato melhor do que Bolsonaro aparecem na percepção de que em pouco tempo é possível perceber uma melhora na economia, na educação, na saúde e nas políticas de direitos humanos.

Sofia, 19 anos, que se autodeclarou parda, cresceu na Igreja Universal do Reino de Deus e vive na cidade de Manaus, revelou ter participado pela primeira vez das eleições. Disse que tirou o título de eleitor para votar em Lula; na sua família nuclear, apenas ela e a irmã votaram no PT. Em seu relato, afirmou ter chorado e sentido esperança de mudança, relembrando os anos anteriores de governo Bolsonaro que, em sua avaliação, foram muito difíceis. Hanna, que se autodeclara branca, vive em São Paulo e frequenta a Igreja Renascer em Cristo, contou que ficou feliz com a vitória de Lula e que carrega muitas expectativas relacionadas ao mercado de trabalho e à educação.

A última camada de leituras sobre o governo Lula o compreende como profético e associado a uma dimensão apocalíptica, como aparece no relato de Naomi, 52 anos, que se reconhece como preta e reside em Salvador, e Diná, 49 anos, que se reconhece como branca e reside em Manaus. Ambas disseram que acompanharam "muito pouco" as eleições de 2022, não votaram em Lula, logo não podem ser responsabilizadas caso seu governo não seja bom. Afirmam ainda que Lula foi eleito

para que o apocalipse pudesse se cumprir, e que por meio dele que o apocalipse começará a acontecer .

> Eu não acredito em melhoria, eu não vou mentir. E, como é que fala? As profecias vão se cumprindo, é que vai piorando ainda mais. Então, mesmo que ele quisesse, eu acho que não ia existir melhora. O governo, pra mim, eu penso dessa maneira, o governo que entrar vai ser isso aí. Pode melhorar em umas coisas e outras não, entendeu? Mas é daí pra pior. Seja na educação, na saúde, na segurança, é tudo bíblico.
> *Tamara, 28 anos, parda, Assembleia de Deus, Salvador.*

Importante ressaltar que essa perspectiva apocalíptica para olhar a gestão política, algo que recai diretamente sobre o governo Lula, se desdobra numa visão apocalíptica da economia e da própria produção de um estado de bem-estar social.

> [...] da forma que a humanidade vem caminhando e as profecias vão se cumprindo assim, a tendência é piorar, é surgir mais doenças, é surgir mais violências, e assim, o governo, independente de quem esteja no poder, eu acredito que não vai dar conta. E em relação ao atual e ao passado, eu acredito que a minha vida há três anos atrás era bem melhor do que o que é hoje. Hoje, se alguém me perguntar assim, Joana, com o que você ganha? Você vive confortável ou você consegue sobreviver? Eu consigo sobreviver e olha que eu não ganho eu não recebo assim pouco eu acho que o valor que eu recebo até é maior do que metade da população brasileira consegue sobreviver, sobrevive, que é um salário mínimo, a maioria. E aí tem que pagar aluguel, pagar roupa, alimentação. Então, assim, eu acho que as coisas têm piorado, sim. Com o governo Lula, para mim piorou, eu já não tenho mais a mesma qualidade de vida que eu tive, então eu acho que sim, a tendência é piorar, independente de quem esteja no poder, porém

> pensando por esse lado partidário, no atual governo do Lula, piorou para mim, a minha situação e da minha família
> *Joana, 23 anos, preta, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Curitiba.*

Nas duas primeiras gestões de Lula, ocorridas na primeira década do século 21, foi possível lidar com o sentimento de sobrevivência. Entretanto, **com a virada do século e as cosmologias apocalípticas tão recorrentes nos anos de 1980 e 1990, o que temos agora é a sensação de que o "fim do mundo" segue seu curso e de que o campo da política se constitui como seu principal lugar de manifestação.**

c) Michele ou Janja: a cartografia do engajamento

As participantes da pesquisa demonstraram não acompanhar, não conhecer e não se interessar muito por Janja. Afirmaram não saber sobre seu pertencimento religioso nem sua história de vida, acreditam que a função da primeira-dama é secundária e que o foco deve estar no presidente da República.

Por outro lado, Michelle Bolsonaro foi citada ora como uma liderança importante e uma cristã virtuosa, ora como alguém que desconhece a realidade da maioria das mulheres brasileiras por ser casada com um marido rico.

> Falar que a mulher não deve trabalhar fora, eu acho que eu sei quem falou essa frase, acho que foi a Michelle Bolsonaro, mas eu não consegui ver tudo, e eu pensei: gente, em que mundo que ela tá vivendo? Tendo marido rico é fácil falar, mas quem não tem marido rico e tem filho, às vezes só quer dar um passeiozinho no shopping e comprar um sorvete pro filho, mas não pode, porque muitas vezes depende do marido pra ganhar 4 reais pra comprar um sorvete.
> *Lidia, 19 anos, parda, Igreja Universal do Reino de Deus, Belo Horizonte.*

> Acho que a Michelle se coloca como serva, sabe que tem um propósito na vida, é mulher, mãe e esposa, as vezes que ouvi ela falar, fiquei tocada. Não sei se eu votaria nela, mas acho ela uma mulher de Deus.
> *Rute, 40 anos, branca, Assembleia de Deus Resgatando Vidas, Rio de Janeiro.*

As reações relacionadas a Michelle Bolsonaro sugerem que o princípio da exemplaridade ligado à sua imagem passa pelo perfil geracional. Mulheres mais jovens (abaixo de 30 anos) foram mais incisivas nas críticas, já nas tríades com aquelas entre 30 e 45 anos houve referências afetuosas e identificação.

d) Trabalho social / participação social: os conselhos tutelares

Na maioria das tríades, não havia um entendimento sobre as eleições para os conselhos tutelares, sobre a função deles e a relação das igrejas com as políticas associadas à infância. O tema era um pouco mais conhecido entre as participantes da Igreja Universal do Reino de Deus e as da Igreja Batista ligada à Convenção Batista Brasileira.

> Eu acho importante porque da mesma forma que a gente deve se posicionar no mundo político, mas de forma geral, né, apoiando todos os seres humanos no geral, eu acho que conselho tutelar é muito importante, né, porque o desenvolvimento de alguém começa na escola, começa no desenvolvimento de criança para adulto. Então, eu acho que quem lidera isso devia ser sim, alguém do meio religioso, cristão, nesse sentido.
> *Tabita, 21 anos, branca, Renascer em Cristo, São Paulo.*

Nas tríades compostas por mulheres mais jovens, percebeu-se certo repertório a respeito dos conselhos tutelares, adolescência, infância, proteção das crianças e direito à educação. Também foi possível falar de direitos violados ou ameaçados. Sobre pessoas evangélicas se candidatarem aos conselhos, não houve registro de nenhuma visão negativa. Para as entrevistadas, o pertencimento religioso não pode ser um impedimento para atuação nessas frentes.

3. Percepções e narrativas nacionais

a) Racismo e cristofobia

Se em 2022 não havia uma elaboração tão direta sobre a sensação de perseguição aos cristãos – apesar de relatos de que era possível sentir certa discriminação quando reconhecidas como mulheres evangélicas –, podemos afirmar que para as entrevistadas dessa fase da pesquisa o sentimento de perseguição religiosa aumentou e ganhou novos desdobramentos.

O primeiro desdobramento está ligado ao governo Lula e a narrativa de um governo apocalíptico que cria inúmeras facilidades para quem não vive os princípios cristãos e dificulta a vida de quem os vivencia. Essa percepção sobre perseguição também se desdobra no campo da cultura e dos costumes, e segundo ela haveria maior tolerância a barulho, eventos e música quando não estão ligados ao público evangélico.

> E eu acho que a religião que mais é perseguida é verdadeiramente a cristã evangélica. Porque hoje em dia todo mundo apoia religiões, as outras opções como homossexuais, e os afro né, descendentes, da umbanda, do candomblé... Eu acho que até hoje os evangélicos são os que são mais perseguidos. Até porque, assim, se uma pessoa colocar a noite toda baile funk, o pessoal não reclama, não fala nada. Mas se tiver uma vigília, já quer ligar até pra polícia, porque é louvor e adoração chiando .
> *Dalila, 40 anos, parda, Assembleia de Deus Resgatando Vidas, Rio de Janeiro.*

Essa sensação de que existiria uma discriminação específica com evangélicos aparece também narrada como vindo da parte de grupos que são foco de preconceito e que sofrem violências por seus corpos ou orientação sexual – como seria o caso de pessoas LGBTs – e que isso

estaria ligado a dificuldades para se aceitar a "palavra de Deus", algo muito semelhante a ideia de racismo reverso.

> Também as próprias pessoas que se diz ser sem preconceito, que são os homossexuais, eles também discriminam muito. Vai muito contra os evangélicos justamente por propor diante deles a verdade e a realidade que eles não querem compreender, não querem aceitar e não querem viver.
> *Marta, 34 anos, parda, Assembleia de Deus, São Paulo.*

Apesar da percepção de que há entre as entrevistadas um aumento da sensação de perseguição, a cristofobia não aparece como uma categoria forte para descrever esse sentimento ou mesmo para indicar um sofrimento ou violência específica. Mesmo diante das falas mais radicais acerca da especificidade da experiência cristã em relação discriminação e opressão, na narrativa da maioria das mulheres há uma violência específica que atinge praticantes de religiões no geral e de forma mais específica praticantes das religiões afro, bem como uma ideia de que cristão não pode apoiar ou mobilizar qualquer ato de violência religiosa. Nesse sentido, para não ser discriminado é importante cuidar para não discriminar.

> A gente tem que aproximar, e também não atacar! Eu não sou a favor de atacar, de falar "você tá errado, tá no pecado! Vem pra Cristo!". Eu acho que assim a pessoa não vai aceitar nunca a Cristo. Vai ficar avesso a Cristo [...] A gente ganha muito mais essas pessoas que não são crente no testemunho, do que na palavra, na guerra. Não adianta descriminalizar, eu não gosto desse tipo de coisa. Embora, como a amiga falou aí, nós somos muito criticados. Eu não digo nem perseguido, mas nós somos muito criticado com qualquer atitude. "Ah, mas você não é crente? Tá fazendo isso, mas você não é crente? Ih, tu vai lá, mas você não é crente?" Ou gera até fofoca.
> *Mara, 30 anos, parda, Assembleia de Deus, São Paulo.*

Ainda sobre discriminação de pertencentes a religiões de matriz africana, terreiros destruídos e pessoas ameaçadas em razão de sua fé, foi possível encontrar leituras de religião afro como patrimônio cultural, bem como outras que reforçam a necessidade de cultivar respeito, e não o ódio.

Da mesma maneira como ocorreu em 2022, o tema da iniciação das crianças nos terreiros segue delicado, e há uma ideia latente de que elas não estariam sendo educadas no caminho da verdade. Por outro lado, a autonomia e o respeito à decisão da família também aparecem como algo a se ponderar, e nesse sentido a ideia de livre arbítrio é acionada. Os filhos tendem a seguir a religiosidade que lhes foi ensinada, porém cada pessoa tem livre escolha para decidir mais tarde.

4. Família: para além das moralidades

a) Modelo de família e narrativas do cuidado

Família é uma categoria que se mistura o tempo todo com as expectativas individuais e mesmo com o entendimento sobre o que significa nação. Não raro, o eixo sobre narrativas nacionais se iniciava com o desejo de um país melhor para suas famílias e as futuras gerações. Os sonhos pessoais não aparecem descolados dos parentes e mesmo do país.

O tema permanece central, principalmente para pensar as gramáticas da subsistência. **Nesse sentido, há uma percepção de que o Brasil é um país difícil para uma família viver.**

> A gente poderia se espelhar em outros países que têm uma educação boa, um salário mínimo que dê pra você se sustentar e sustentar sua família; poder pagar sua luz, seu carro, seu plano de saúde.
> Karen, parda, 19 anos, Igreja Universal do Reino de Deus, Rio de Janeiro.

Em relação às dinâmicas de cuidado, mesmo nas tríades em que houve a defesa de que na família haveria funções reservadas para homens e

mulheres, foi consenso que os cuidados sempre recaem sobre elas. As participantes elencaram alguns temas tidos como fundamentais à manutenção de uma dinâmica desigual do cuidado, entre os quais o primeiro é a educação dos filhos, seguido da gestão e organização da casa e da saúde de todos os membros da família. Com isso, foi comum reforçar o reconhecimento de que mulheres que trabalham fora (a maioria em nossa amostra) enfrentam uma jornada dupla de trabalho. Assim, todas as tarefas essenciais incidem sobre elas.

> Com certeza (risos). [...] a responsabilidade do lar em si, né? Sempre cai mais pra gente, tudo, né? O cuidado com a casa, marido, filho, pai, mãe, tudo é mais cobrado com filha mulher, né? Com nós, mulheres. Não que os homens não têm as responsabilidades deles, né, mas é sempre mais pra gente que cai.
> Tamar, 29 anos, preta, Igreja Batista, Salvador.

Nas narrativas a respeito da contribuição financeira para as despesas domésticas ou mesmo sobre ser a única ou a principal responsável, apenas em cinco tríades participantes descreveram que não respondiam pela subsistência. Na grande maioria dos casos, foi possível aferir uma responsabilidade parcial ou total, independentemente da renda familiar. [...] A gente procura achar um bem comum, 'ó, se não está bom assim, que que você acha da gente fazer assado?' Então, a gente procura ali para não ficar sobrecarregado, né, chegar a esse ponto assim, de ficar, 'poxa, só eu que cuido de tudo, só eu que faço tudo, só eu que assumo, né, os cuidados'.

> Então a gente procura equilibrar a balança, pra ficar equilibrada, até porque todo mundo mora junto, todo mundo tá ali usufruindo daquele ambiente, então, nada mais que justo de dividir de forma igualitária.
> Susana, 28 anos, branca, Igreja Batista, São Paulo.

Sobre as preocupações e anseios em relação à família, a subsistência e a saúde apareceram como as mais citadas, acompanhadas de todo um universo de acontecimentos e assuntos de fora de casa, como educação dos filhos, segurança e trabalho. Maridos, companheiros e parentes de uma configuração mais estendida de família não foram citados, as preocupações tocam sobretudo os filhos, o futuro e o envelhecimento dos pais. Houve um sentimento partilhado de que a igreja é uma colaboradora na gestão dessas preocupações e, não raro, na gestão das atividades de cuidado.

Em nenhuma das tríades houve concordância integral de que a casa é um espaço seguro para crianças. Nem sempre essa formulação se referia à violência sexual ou de gênero, mas sim a possiveis acidentes e mesmo à violência física. Entretanto, a violência sexual contra crianças e adolescentes no contexto familiar foi citada com recorrência, colocando algumas posições de parentesco e de cuidado dos homens numa posição de desconfiança. A educação sexual apareceu assim como uma forma de orientar e prevenir os abusos, tarefa que deve ser da escola e da família.

> Eu acho que essa questão da violência, né, a gente vê que é muito mais alto as taxas de violência com relação às mulheres, os abusos, os assédios, diferença salarial também, que já foi trazido pelas meninas. Então eu só fiz um complemento mesmo em cima dessas questões
> *Ariel, 35 anos, preta, Assembleia de Deus, Belo Horizonte.*

Ainda sobre violência e família, outro tema citado com intensidade se referiu à violência doméstica e às situações de insegurança às quais as mulheres são submetidas. **Em todas as tríades, houve um reconhecimento da relevância da Lei Maria da Penha, dos casos de violência entre mulheres da família e conhecidas próximas e da sensação de que a lei é importante, mas não dá conta de protegê-las.**

> Com certeza, sim. Se já existindo, a coisa tá do jeito que tá, acontecendo tanta tragédia, que eles não estão

respeitando, né? O feminicídio está aí, crescente cada vez mais. Imagine se não tivesse?
Ana, 16 anos, parda, Igreja Batista, São Paulo.

Medida protetiva, Maria da Penha... isso não resolve. Deveria ter mais coisas, né, pra proteger a mulher.
Eva, 49 anos, parda, Manaus, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Manaus.

b) Modelo de família

Sobre modelos de família, as configurações são múltiplas. Entre as solteiras, a maioria disse que mora com pais, irmãos e sobrinhos; o mesmo ocorre entre as casadas. Portanto, o modelo convencional esperado, pautado em uma relação monoparental, não é o mais comum entre as entrevistadas.
Apesar disso, ainda há entraves para pensar as famílias homoafetivas.

Eu acredito assim, que família é qualquer lugar onde há amor, carinho e cuidado. Então assim, um casal homoafetivo, adotar uma criança, não é o problema. Eu não vejo como um problema, mas eu acho que sim, é importante essa criança crescer pelo menos com a figura feminina e ter uma figura masculina, para que ela possa separar as coisas. Porque assim, eu tenho um sobrinho mesmo, que minha irmã é casada, porém o meu cunhado, ele é enfermeiro, então ele vive muito no hospital. E aí meu sobrinho, ele tem seis anos agora, não, perdão, cinco. Bernardo, ele cresceu, tipo assim, meu cunhado nunca tá, nem sempre tá presente, né, por causa da correria do dia a dia. Então ele só tem mais contato com minha irmã e com a minha sobrinha de 14 anos, a Júlia. Então assim, quando eles vieram me

> visitar, eu percebi já em Bernardo situações que eu diria que assim, olha, precisa ficar mais com o pai, porque assim, ele já estava querendo brincar com boneca, querem, assim, fazendo, sabe, gestos femininos.
> *Léia, 19 anos, Igreja Universal do Reino de Deus, Belo Horizonte.*

A principal questão em relação ao reconhecimento das redes homoafetivas do parentesco passa pelo receio de que uma convivência sem a presença de um casal heterossexual pode contribuir para processos de transgenerização.

c) Feminismo x feminino

Há uma percepção forte de que existe desigualdade entre homens e mulheres quando se avaliam as condições no mercado de trabalho. A ideia de que homens ganham mais e de que têm melhores condições profissionais foi reiterada em vários momentos. Apesar de o corte geracional ser importante nessa temática, essa percepção também foi relatada nas tríades com mulheres mais velhas. Com isso, há significativa valorização das melhorias nas condições de vida das mulheres de modo geral.

> Graças a Deus muita coisa mudou, a gente pode trabalhar, a gente pode comprar nossa roupa, nosso sapato, nossa maquiagem, porque somos livres pra isso. A submissão ao homem é você estar ao lado do seu marido, ao lado do seu companheiro, é os dois crescerem juntos, não tem nada a ver com um ser melhor que o outro
> *Ana, 19 anos, preta, Igreja Universal do Reino de Deus, Rio de Janeiro.*

> A gente exerce a mesma função que o homem e ganha muito menos que o homem, ainda tem muito machismo estrutural e isso precisa ser quebrado, mas só da gente poder trabalhar, ter nosso dinheiro e não ficar dependendo de homem pra receber seu dinheiro e fazer o básico pra você é maravilhoso, tanto que eu tô sem trabalho há dois anos e eu falo pra minha irmã que eu não vejo a hora de poder voltar a trabalhar, eu sei que meu marido não deixa faltar nada, mas eu sei que eu poderia acrescentar ainda mais
> *Gabriela, 18 anos, branca, Igreja Luz para os Povos, Goiânia.*

Apesar de algumas participantes terem se declarado feministas, essa valorização não aparece necessariamente como algo ligado à agenda do feminismo, mas sim como uma conquista das mulheres no geral.

Da mesma forma como visto em 2022, há um pensamento de que o feminismo pregaria a superioridade feminina, e não a igualdade, e para além dessa superioridade o aborto seria sua principal pauta. Segundo essa percepção, temas como igualdade de direitos, combate às violências de gênero e doméstica, equipamentos de saúde da mulher e inserção das mulheres no campo educacional não estariam associados à agenda feminista, mas sim à luta geral delas. Há nesse sentido uma separação identitária entre feministas e o restante das mulheres.

> Eu acho que a forma que o feminismo surgiu foi algo muito chocante, muito impactante, porque quando fala feminismo, para mim, eu não penso na igualdade do homem com a mulher. Eu já penso naquelas cenas horrorosas de mulheres desesperadas nas ruas, andando nua, falando coisas sem fundamento porque foi assim que o feminismo surgiu pra mim, eu vim conhecer o feminismo assim. Eu realmente não... Eu

> sou leiga nessa parte assim de estudar a sociedade e tudo mais, porém eu entendo o feminismo hoje em dia, eu entendo o que é a igualdade do homem com a mulher, porém, a forma que ele surgiu foi algo chocante, principalmente para os religiosos, para nós da igreja, porque vai contra o que a gente pensa. Não que eu ache assim, ah, o homem tem que, por ser homem, tem que ganhar mais que eu não.
> *Maria, 18 anos, preta, Igreja Batista Renovada, São Paulo.*

A compreensão de que é preciso ter igualdade entre homens e mulheres não conflitua com a noção de submissão e de que desempenham papéis distintos no mundo. Esse princípio de igualdade se baseia assim no signo da diferença que está inscrita no corpo e na diversidade de papéis sociais.

O feminismo é mal visto porque chega cheio de ruídos e incongruências, algo que parece tensionar diretamente os princípios cristãos. Entretanto, algumas participantes compreendem que há um equívoco nessa percepção, o que tornaria necessário melhorar os mecanismos de comunicação entre mulheres evangélicas e movimentos feministas.

> Eu penso assim, a mulher, ela tem que saber o lugar dela, sim, na sociedade, em um ambiente familiar. A mulher tem que se portar como mulher, tem que ser feminina, mas com igualdade. Com igualdade, até porque não tem isso, se surgiu uma situação, assim, um exemplo, ah, eu sou casada, meu marido não tá presente e precisar cuidar de algo que o homem, teoricamente, só o homem faz, eu sei que eu vou ter capacidade de fazer. Assim como eu sei que o meu futuro marido também teria capacidade de cuidar de algo que seria meu papel de fazer, entendeu? Então, eu acho que essa história

> do feminismo foi pintada de uma forma muito errada, inicialmente, até para quem não conhece. Aí pessoas leigas como eu olham assim o feminismo e acham, meu Deus, que absurdo.
> *Lia, parda, 19 anos, Igreja Universal do Reino de Deus, Belo Horizonte.*

A mudança nos contextos de participação feminina na sociedade é acompanhada com entusiasmo, apesar de haver uma defesa na divisão de funções e na distinção dos papéis entre homens e mulheres. Para a maioria das entrevistadas, mulheres podem fazer as atividades atribuídas aos homens se eles estiverem ausentes ou impossibilitados, e vice-versa.

> Assim, pelo que eu entendo, né, que eu imagino, é que seja tipo você ser a mulher de correr atrás dos seus objetivos, dos seus direitos, para que você se sinta representada, se sinta respeitada diante da sociedade que é tão machista. Então, de você poder ali tá se impondo e tendo esse retorno da sociedade, principalmente dos homens, que acha que são melhores do que tudo, que mulher não pode isso, mulher não pode aquilo... Nós, cada vez mais, estamos mostrando a eles que podemos muito mais, até mais do que eles, né? Eu acredito que seja isso (Aretuza, 52 anos, preta, Igreja Batista, Salvador).

Há orgulho na ideia de ser mulher, uma valorização de seus atributos e de suas capacidades, e isso está para além do plano do cuidado.
[...] independente de você ser cristã, eu sou mulher. Então, eu tenho que lutar pelos meus direitos, né? Eu tenho que me impor e eu tenho que ser respeitada, independente de qualquer coisa, independente da minha religião.

> Eu sou uma mulher antes de tudo.
> *Abigail, parda, 25 anos, Igreja Assembleia de Deus, Manaus.*

Assim, o feminismo aparece como algo antagônico ao evangelho para a maioria das entrevistadas. Porém, mesmo nesses casos há o entendimento de que a luta por igualdade e valorização do papel das mulheres na sociedade é plenamente compatível com a vida cristã e precisa ser incentivado nas igrejas. Importante destacar também a participação daquelas que se reconhecem como feministas e acreditam que há significativo ruído sobre a agenda feminista no contexto evangélico. Isso deve ser enfrentado com vistas a melhorar a identificação com suas pautas.

5. Mídias, comunicação e participação

O tema das mídias atravessa todos os demais e se evidencia na pluralidade de narrativas sobre pertencimento e fé, informação e contatos com o mundo, cultura e a rede na qual cada uma das participantes se insere e valida. Assim, quando tratamos dessa temática, a dimensão que parece essencial desenvolver é o quanto as referências acerca das mais variadas tecnologias e assuntos aparecem sempre mediadas por uma noção de confiança. Isso se desdobra tanto na relação com perfis e conteúdos consumidos nas redes sociais, como na aproximação das redes com a vida cotidiana.

Nesse sentido, o contato com a televisão ocorre apenas em canais e programas aos quais as participantes atribuem credibilidade. Além disso, os perfis seguidos nas redes são de pessoas que inspiram confiança, e todo conteúdo compartilhado também é descrito como informação confiável.

A sensação de confiança também está vinculada à segurança, algo muito presente nos relatos sobre as *fake news*. Independentemente do perfil etário, em todas as tríades houve referência a elas, todo mundo diz que as recebe e que toma cuidado para não repassá-las. **O *WhatsApp* é a plataforma que mais se destaca quando o assunto é *fake news*, e os grupos de igreja não são descritos como espaços de**

partilha de informações falsas; ao contrário, são tidos como lugares onde é possível acessar informações confiáveis. As fake news são recebidas pelos grupos da família ou pelo compartilhamento de informações feitas por familiares mais velhos.

Ministérios e comunidades virtuais

Apesar de o *WhatsApp* ser citado com frequência, o *YouTube* também é bastante usado, isso porque a igreja virtual parece ter vindo para ficar. Assim, grande parte das participantes disse que integram grupos virtuais de oração, ministérios femininos e fóruns de apoio espiritual *on-line*. Esses espaços proporcionam um senso de comunidade, mesmo a distância, permitindo que elas troquem experiências, façam aconselhamentos e compartilhem momentos de oração e reflexão.

Blogueiras, influenciadoras e cantoras gospel

O acesso a testemunhos pessoais de transformação de vida, o que tem um impacto significativo, é citado como algo importante no cotidiano de quase todas as entrevistadas.. A acessibilidade das redes sociais permite que essas histórias alcancem indivíduos que talvez não fossem impactados de outra forma.

Várias mulheres foram apontadas como lideranças importantes nas plataformas digitais para inspirar, motivar e encorajar seus seguidores. As cantoras e pastoras aparecem no primeiro grupo de citações. Camila Barros, pastora da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, segue sendo indicada como referência importante. Para além delas, apareceram as cantoras Fernanda Brum, Damares e Cassiane.

Entre as influenciadoras, foram citadas Helena Tannure, Isa Reis e Sarah Farias. Elas são conhecidas por compartilhar conteúdos variados, para além de temas específicos de uma vida cristã, entre os quais se incluem saúde, alimentação, cuidados com o corpo e relacionamentos.

Considerações Finais

Historicamente, as igrejas evangélicas desempenharam um papel significativo na formação de comunidades e na mobilização social. No Brasil, o crescimento delas desde a segunda metade do século XX, principalmente as do segmento pentecostal e neopentecostal, levou à necessidade de se pensarem as percepções e os regimes de participação política que circundam esses grupos, apontando que era preciso produzir uma sensibilidade para a diversidade de relações e redes construídas a partir do pertencimento religioso.

Durante a primeira fase desta pesquisa, realizada em 2022, os muitos quadros de intenção de voto disputavam as perguntas sobre como mulheres evangélicas lidavam com a política. **Como elemento-base está a noção de que pensar esse tema sempre exigiu entender o engajamento para além do momento do voto, o que impôs a demanda de capturar as leituras que elas fazem do seu cotidiano, o que nos permitiu refletir acerca da política institucional como um atravessamento de inúmeras temáticas indicadas pelas interlocutoras nas tríades.**

Desde a primeira etapa da pesquisa, a necessidade de pensar a política para além de sua institucionalidade nos levou a abordar sob outro prisma temas como o papel e a relação com as lideranças das igrejas. Isto porque se tomou em consideração que mulheres evangélicas deixam de ser objeto de um voto direcionado e indireto para terem suas agências e escolhas privilegiadas, colocando mais reflexividade no papel hierárquico das comunidades de fé. Outro exercício central consistiu em pensar sobre a família e as dinâmicas de pertencimento e cuidado para além do campo das moralidades, buscando ampliar as percepções acerca dos motivos por que tais temáticas seguem tão centrais

Se a conquista pelo voto das mulheres evangélicas esteve no centro da disputa política em 2022, é possível afirmar que esse público, que

corresponde a 56% da população que se reconhece como evangélica no país, concentra significativo poder de decisão. Isso, por sua vez, nos permite compreender os modos como raça, gênero e geração aparecem como marcadores sociais fundamentais quando pensamos em temáticas e formas de engajamento do público evangélico de maneira mais geral.

Nesse sentido, apesar de esse não ter sido um critério para a construção da amostra, da mesma maneira como ocorreu em 2022, a pesquisa de 2023 revelou que maioria delas votou em Jair Bolsonaro, porém com um número maior de votantes em Lula do que em Haddad em 2018. Também foi possível reparar a diminuição de votos nulos e brancos em relação às eleições daquele ano.

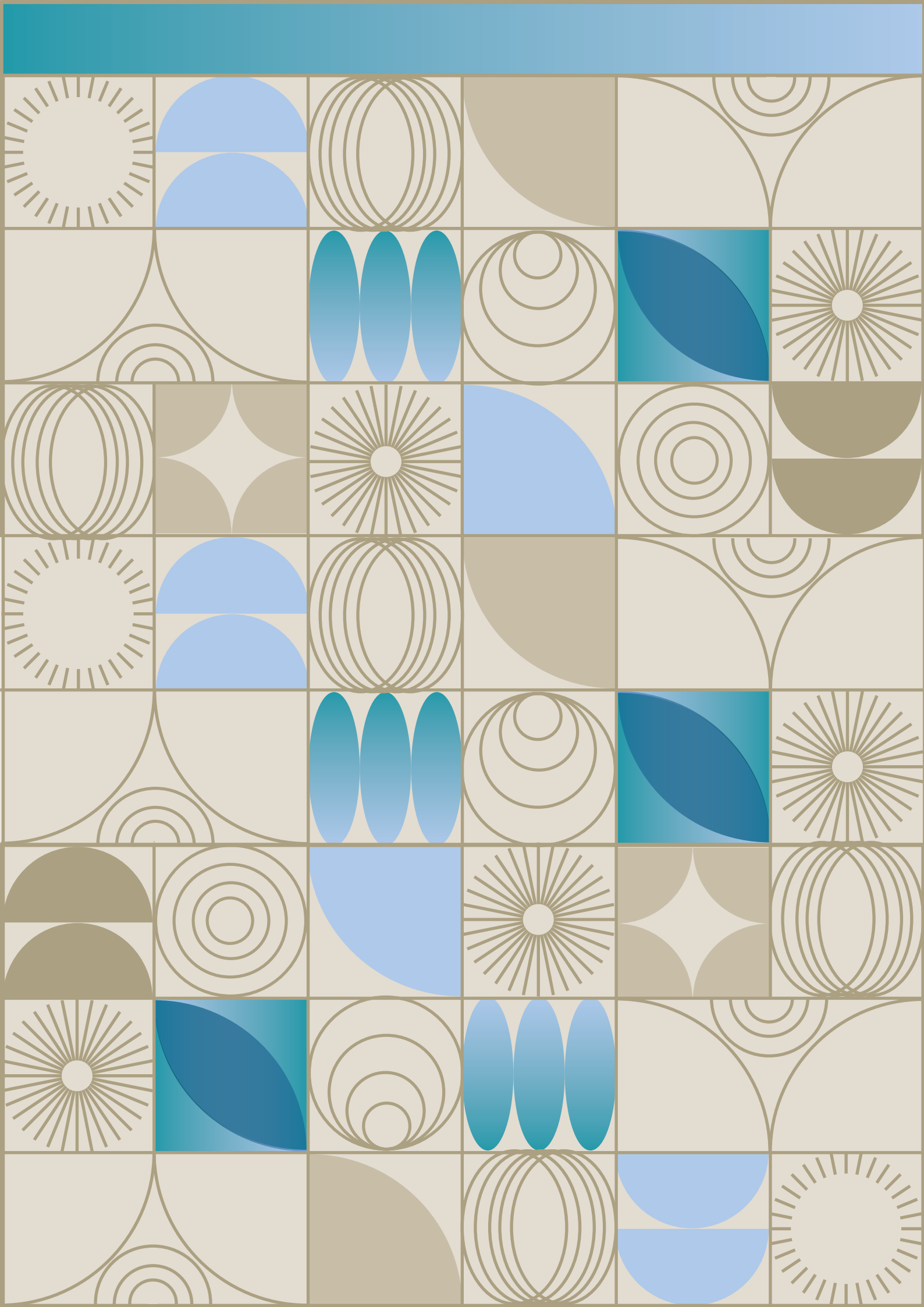
Como referido neste relatório, esta pesquisa permitiu compreender que os incentivos, as justificativas e os elementos de identificação que orientam a escolha de candidatos e candidatas estão associados a três dimensões principais: (1) o pertencimento de classe social – expresso, por exemplo, na recusa a apoiar "político fabricado em mansão", conforme declarou uma das participantes; (2) o vínculo com valores familiares e/ou cristãos – o candidato deve demonstrar capacidade de responder às preocupações relacionadas à educação e ao bem-estar dos filhos; e (3) as relações de confiança – fundamentadas tanto em experiências políticas anteriores quanto na percepção de proximidade pessoal com aqueles que se apresentam como opções de voto.

Além disso, assim como ocorreu no levantamento de 2022, este, de 2023, reafirma a igreja como espaço fundamental de socialização, construção e troca das visões de cidadania. Isso fez emergir também afirmações sobre os limites da relação entre Igreja e Estado e a crença em um pensamento ético cristão que precisa ser acionado para garantir que a igreja não se corrompa no contato com a política.

Novas etapas desta pesquisa certamente tornarão possíveis o aprofundamento destas reflexões que apontam para novos e instigantes estudos.

Destaques

- O principal desafio de 2023 foi compreender como as interlocutoras interpretaram o primeiro ano do governo Lula III em relação a justiça, liberdade, combate à corrupção, políticas públicas de saúde e educação e percepções sobre poder de consumo, mercado de trabalho e segurança pública.
- A pesquisa busca compreender a política a partir do cotidiano, como experiência que transcende a institucionalidade e envolve a formação das noções de cidadania, direitos e a centralidade da igreja como rede de proteção e espaço de sociabilidade.
- O pleito de 2022 aparece como ponto de tensionamento nas dinâmicas de solidariedade das igrejas, gerando rupturas e reconfigurações nas relações familiares e religiosas
- Bolsonaro foi percebido como "voto seguro", justificado pelo receio de que o governo Lula poderia aumentar impostos, fechar templos ou restringir a pregação da "palavra de Deus".
- Segurança pública foi recorrente nas avaliações negativas do governo Lula; a relação de Bolsonaro com os militares reforçou a percepção de que o governo anterior tinha mais condições de lidar com o tema e de que as ruas eram mais seguras.
- Apesar da sensação de perseguição, a cristofobia não aparece como categoria forte; as entrevistadas identificam maior violência dirigida a religiões afro-brasileiras e afirmam que cristãos não devem mobilizar atos de violência religiosa.

Destaques

- **Há a percepção de que o Brasil é um país difícil para se viver; a categoria "família" mistura-se com as expectativas individuais e com a ideia de nação, relacionando sonhos pessoais a projetos de futuro para as próximas gerações**
- **O WhatsApp é a plataforma mais citada em relação às fake news; grupos de igreja são vistos como espaços de informação confiável, enquanto desinformação são atribuídos a grupos familiares ou a parentes mais velhos.**
- **O YouTube é bastante utilizado e consolida a igreja virtual como realidade; muitas participantes integram grupos de oração e ministérios femininos on-line, encontrando neles um senso de comunidade e acolhimento espiritual mesmo a distância.**
- **As eleições dos Conselhos Tutelares despertaram atenção inédita entre as entrevistadas, vistas como espaço estratégico de disputa moral e política, onde o voto é compreendido como defesa da família, da infância e dos valores cristãos.**